

APRESENTAÇÃO

Este número da *Revista Argumento* traz no seu primeiro artigo o acurado estudo sobre os insetos necrófagos a partir da análise sobre sua importância forense para a região de Jundiáí, numa pesquisa encetada por Ana Luiza Serra de Freitas Martins e Luciana Urbano dos Santos, que generosamente dispõem para os estudiosos da área um banco de dados inicial da família *Sarcophagidae* e as espécies *Chrysomya megacephala* e *Lucilia eximia* da família *Calliphoridae*. A influência e interferência da Matemática Financeira no cotidiano, seja no âmbito físico ou jurídico, está proposta em estudo de Hélio Rosetti Júnior e Juliano Schimiguel sobre o primeiro sujeito de formação na área: o estudante que tem em mãos os parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Educação (MEC).

O rigor científico perpassa ainda os campos da literatura e da psicologia.

Isabel Cristina Alvares de Souza, propõe no terceiro artigo uma reflexão sobre o lugar destinado à mulher na sociedade sulista dos EUA na segunda metade do século XIX a partir do conto *A rose for Emily* (William Faulkner, 1897-1962) e do romance *Gone with the wind* (Margareth Mitchell Marsh, 1900-1949). Sob a égide da análise de quarenta e nove estudos acerca da produção psicanalítica sobre trabalhos de intervenção com crianças de 0 a 2 anos, Paulo José da Costa, Grazieli Rosa e Rosinei Aparecida Ferreira propõem no quarto artigo um panorama da área como possível parâmetro para novos estudos.

Renovamos neste número o desejo que todos estes trabalhos colaborem com as inquietações de nossos leitores para que o regalo seja consequência do labor do pensamento.

Rutzkaya Queiroz dos Reis
Coordenadora da Revista Argumento

IDENTIFICAÇÃO DE INSETOS NECRÓFAGOS DE IMPORTÂNCIA FORENSE DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ-SP

Ana Luiza Serra de Freitas Martins¹
Luciana Urbano dos Santos²

Resumo: A entomologia forense é a ciência que aplica o estudo dos insetos, ácaros e outros artrópodes a procedimentos legais, como datação de um intervalo *postmortem*. O conhecimento da biologia dos insetos que decompõem cadáveres juntamente com as bactérias e os fungos é muito importante para esta ciência. Os insetos da ordem Díptera são os primeiros a colonizarem carcaças a procura de substrato para o desenvolvimento das formas imaturas. Este estudo teve como objetivo realizar um levantamento de insetos associados a decomposição animal na cidade de Jundiaí (Estado de São Paulo), utilizando-se substratos que foram expostos em uma região de mata e observados diariamente. A identificação das larvas coletadas foram indivíduos da família Sarcophagidae e as espécies *Chrysomya megacephala* e *Lucilia eximia* da família Calliphoridae, sendo esta última espécie a primeira a colonizar a etapa inicial da decomposição e com registro de maior ocorrência (quantitativamente).

Palavras-chave: dípteros, Calliphoridae, miases, carcaças.

Abstract: Forensic entomology is the science that applies the study of insects, mites and others arthropods in medical-legal investigations, such in estimation of the *postmortem* interval. The knowledge of the biology of species that decay process with bacteria and fungi is very importance in the science. The Diptera insects are the first to colonize carcass demand for substrate for its development. The aim of this study was the survey of the insects associated to animal decomposition in the Jundiai city (State of São Paulo) utilizing subtracts placed in a forest area with observations and larvae collection made daily. The identification resulted in individuals of family Sarcophagidae and the *Chrysomya megacephala* and *Lucilia eximia* both of family Calliphoridae. The latter one (*L. eximia*) is the first to colonize the initial stage of decomposition and with the highest occurrence (quantitatively).

Key words: Diptera, Calliphoridae, myiasis, carcasses.

INTRODUÇÃO

Animais mortos, incluindo-se os humanos são atrativos para uma grande maioria de invertebrados que auxiliam a sua decomposição juntamente com bactérias e fungos. A entomologia forense é a ciência que aplica o estudo dos insetos e outros artrópodes a procedimentos legais, fazendo uso de insetos que voam ao redor do cadáver e/ou às larvas e pupas que se desenvolvem sobre ele. São muitas as aplicações desta Ciência, porém, a

¹ Bióloga - Centro Universitário Padre Anchieta.

² Doutora e Docente do Curso de Ciências com Habilitação em Biologia - Centro Universitário Padre Anchieta. Autor para correspondência: luciana_urbano@yahoo.com.br

aplicação mais freqüente da entomologia forense é a determinação do tempo de morte (intervalo *postmortem*) (TAVARES, 2003). Esta estimativa é feita com base no conhecimento da biologia dos estágios imaturos presentes no corpo em decomposição (SOUZA e KEPPLER, 2009).

Um dos primeiros registros sobre entomologia forense data do século 13, quando um advogado solucionou a morte de um trabalhador na lavoura de arroz, ao perceber que a foice de um dos trabalhadores atraía moscas varejeiras. Este fato levou o advogado a concluir que a ferramenta estava com resíduo de sangue (não perceptível) e que o seu dono havia causado com ela, os ferimentos no cadáver encontrado (BENECKE, 2001).

Diferentes espécies de insetos aparecem e desaparecem do corpo durante a sua decomposição podendo ocorrer uma sucessão entre elas (SEGURA et al, 2009). Mesmo quando os insetos não são encontrados no corpo, ainda podemos inferir as espécies que participaram da decomposição, pois durante esta atividade, alterações nos tecidos (como lesões) e deslocamento ou remoção dos mesmos são característicos, podendo ser atribuídos às espécies que os causaram (URURAHY-RODRIGUES et al., 2008).

Um histórico pode ser dado em função da espécie decompositora, uma vez que algumas delas só ocorrem em determinado período do ano, outras colonizam rapidamente o corpo após a morte e outras ainda, só são encontradas em estágio avançados de decomposição (SOUZA et al., 2008).

As larvas decompositoras podem ainda auxiliar na identificação e análise de drogas e substâncias tóxicas presentes no corpo, principalmente quando não é possível a coleta de secreções ou tecido. Este campo é conhecido como Entomotoxicologia (LIMA, 2009).

A ordem Díptera é um grupo predominante, chegando rapidamente para colonizar cadáveres humanos ou não, e por isso são de grande potencial para a entomologia forense (TAVARES, 2003). No Brasil são identificadas 22 famílias associadas à decomposição, porém, a falta de taxonomistas ou chaves de identificação das espécies mais comuns é um grande problema para as pesquisas nesta área, o que pode levar algumas vezes a identificações errôneas (CARVALHO e MELLO-PATIU, 2008). Dentro deste grupo, a família mais importante para o trabalho forense é a Calliphoridae (popularmente conhecidas como varejeiras), e são as que primeiro colonizam o corpo e o utilizam como substrato, alimento, postura de ovos e larvas e encontro para acasalamento (CARVALHO e RIBEIRO, 2000). Pupas de Calliphoridae podem ser encontradas aderidas ao cabelo, pele e roupas de corpos submersos, indicando um grande potencial em casos de investigações criminais (SOUZA e KEPPLER, 2009).

O processo de decomposição pode variar em função de parâmetros abióticos como temperatura, umidade e intensidade de luz solar, pois estes fatores podem interferir na procura e estabelecimento dos insetos na carcaça a ser decomposta. Outra variável dos se refere ao local onde a carcaça está exposta, que leva à variações no tempo de decomposição (CARVALHO e LINHARES, 2001). Assim, o levantamento de insetos decompositores em diferentes regiões do país é necessário para permitir o uso correto deste importante instrumento na área legal. Este estudo teve como objetivo realizar um levantamento da fauna associada à decomposição de carcaças não humanas, no município de Jundiaí-SP.

MATERIAIS E MÉTODOS

Local do estudo:

Os substratos expostos para decomposição foram instalados em uma área de mata, expostos em área distante das residências e entre árvores de grande porte, o que proporcionou um ambiente úmido e com pouca luminosidade. A temperatura e umidade relativa do ar foram observadas diariamente, pelo site do Climatempo (www.climatempo.com.br), que abrange o local onde o estudo foi realizado.

Suporte dos substratos:

Os substratos foram acondicionadas em uma gaiola confeccionada com grade reforçada e sobreposta com a abertura da tela de tamanho suficiente para permitir a visita de dípteros adultos. A gaiola foi suspensa por correntes em um tronco de árvore, para evitar o ataque de vertebrados e a destruição dos substratos.

Substratos:

Na primeira fase deste trabalho foi utilizado um fígado bovino contendo cerca de 4 Kg (Fig.1), e na segunda fase, para verificar se há diferença nas espécies de insetos que colonizam diferentes carcaças, foram utilizados os seguintes substratos: fígado bovino (cerca de 0,622 Kg), fígado de ave (cerca de 0,700 Kg) e, vísceras de peixe (cerca de 0,659 Kg). Nesta segunda etapa, a gaiola foi dividida em três “ambientes” por uma tela (com trama milimétrica), ao longo de toda a sua altura, para não haver contato entre os substratos ou mistura das larvas durante o seu desenvolvimento (Fig. 2).

Na primeira fase a avaliação foi realizada durante o período de 27/09/2009 a 18/10/2009 (22 dias) e, em uma segunda fase durante o período de 09/12/2009 a 23/12/2009 (15 dias).



Fig.1 - Gaiola contendo fígado bovino (Fase1).



Fig.2 - Gaiola contendo fígado bovino, de frango e sardinhas abertas (Fase2).

Observações e coletas de larvas

Em ambas as etapas as observações foram diárias, sempre no período da tarde (entre 16 h e 17 horas) até a total decomposição do substrato. As larvas foram coletadas com auxílio de uma colher e posteriormente conservadas em solução de Kahle (BYRD, 2001). Na segunda fase, as larvas coletadas foram colocadas em recipientes distintos e devidamente identificados, visando avaliar a possível ocorrência de espécies distintas em cada um dos substratos.

Identificação dos espécimes coletados

A identificação dos espécimes coletados foi feita no Departamento de Biologia Animal da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Temperatura e umidade relativa do ar

A temperatura média observada na primeira fase foi de 21,5°C e a umidade relativa estava em 71,2 %. Já na segunda fase temperatura média observada foi de 27,2 °C e a umidade relativa de, aproximadamente 78,3 %.

Na primeira etapa, onde apenas o fígado bovino foi avaliado, observou-se uma grande variação de temperatura com mínima de 13°C e máxima de 32°C. A umidade relativa do ar manteve-se em geral alta: mínima de 40 % e máxima de 90 %, característica do ambiente onde a gaiola foi exposta (Tabela 1).

Tabela 1 - Temperatura e umidade relativa do ar, aferidas diariamente na primeira etapa do estudo, onde houve exposição de fígado bovino.

| Data | Temperatura (°C) | Umidade Relativa do Ar (%) |
|-------------------------|-------------------------|-----------------------------------|
| Setembro de 2009 | | |
| 27 | 32 | 60 |
| 28 | 19 | 70 |
| 29 | 16 | 77 |
| 30 | 13 | 82 |
| Outubro de 2009 | | |
| 01 | 20 | 60 |
| 02 | 26 | 58 |
| 03 | 20 | 40 |
| 04 | 21 | 56 |
| 05 | 23 | 72 |
| 06 | 26 | 73 |
| 07 | 19 | 77 |
| 08 | 17 | 76 |
| 09 | 20 | 79 |
| 10 | 25 | 82 |
| 11 | 26 | 67 |
| 12 | 20 | 90 |
| 13 | 20 | 75 |
| 14 | 22 | 65 |
| 15 | 24 | 86 |
| 16 | 23 | 80 |
| 17 | 19 | 65 |
| 18 | 22 | 78 |
| Média | 21,5 | 71,2 |

Na segunda etapa, a variação de temperatura foi menor, com mínima de 21°C e máxima de 31°C, sendo que a umidade relativa do ar manteve alta e com pouca variação: mínima de 73 % e máxima de 86 %. A alta umidade observada na segunda etapa, quando comparada com a observada na primeira etapa foi em razão da alta pluviosidade observada no período: chovem aproximadamente em 53 % dos dias em que o substrato ficou exposto (Tabela 2).

Tabela 2 - Temperatura e umidade relativa do ar, aferidas diariamente na segunda etapa do estudo, com exposição dos fígados bovino e de frango e das sardinhas.

| Data Dezembro de 2009 | Temperatura (°C) | Umidade Relativa do Ar (%) |
|------------------------------|-------------------------|-----------------------------------|
| 09 | 25 | 78 |
| 10 | 29 | 73 |
| 11 | 26 | 75 |
| 12 | 21 | 80 |
| 13 | 28 | 74 |
| 14 | 27 | 78 |
| 15 | 28 | 85 |
| 16 | 25 | 83 |
| 17 | 31 | 78 |
| 18 | 26 | 75 |
| 19 | 29 | 77 |
| 20 | 27 | 76 |
| 21 | 30 | 79 |
| 22 | 28 | 86 |
| 23 | 28 | 78 |
| Média | 27,2 | 78,3 |

A temperatura é um fator que influência diretamente no tempo de desenvolvimento das larvas de dípteros, pois a temperatura corporal da larva varia conforme a temperatura ambiente, influenciando no tempo de desenvolvimento e de crescimento, sendo estes, inversamente proporcional à este fator abiótico (GUEDES, 2008).

Com base apenas nas observações de campo, inferimos que os indivíduos que colonizaram o substrato na primeira fase apresentaram um desenvolvimento larval mais

rápido quando comparado com os indivíduos observados na segunda, mesmo com a temperatura e umidade relativa média maior nesta fase: cerca de 6°C e 7 % respectivamente.

Na primeira fase do estudo foram coletadas 91 larvas de segundo e terceiro estágio, sendo todas da família Calliphoridae espécie *Lucilia eximia* (Wiedemann, 1819) que é uma espécie Neotropical e, por ter grande incidência na decomposição de cadáveres, seja na forma imatura ou adulta, é de grande importância forense no Brasil.

Em função da importância desta espécie no cenário forense e, com a possibilidade de estágios imaturos de insetos decompositores serem encontrados em corpos submersos, a avaliação sobre a sobrevivência de pupas de *L. eximia* submersas em água destilada e sob condições controladas de laboratório foi realizada. Os resultados mostram que o tempo de submersão das larvas é inversamente relacionado à sobrevivência. Taxas de 80 % de sobrevivência foram observadas após um dia de submersão, sendo que este valor cai gradualmente até 10 % de sobrevivência após 5 dias submersas. A submersão aumenta também o desenvolvimento do inseto, quanto maior o tempo de submersão, maior o tempo de desenvolvimento do inseto (SOUZA e KEPLER, 2009). Estes resultados podem auxiliar, por exemplo, na investigação para estimar do tempo de submersão de um cadáver.

Em um levantamento realizado por Souza et al. (2008) no estado do Rio Grande do Sul, *L. eximia* foi considerada a espécie mais propícia para ser usada com indicadora de intervalo *post-mortem* (IPM), seguida de *Chrysomya albiceps* (Wiedemann, 1819). Isso, por terem sido encontradas em todas as estações de coleta e por serem, estas duas espécies, as primeiras a chegarem à carcaça exposta no estudo. Enquanto a espécie *L. eximia* não apresentou distinção de preferência de estação para visitar as carcaças, foi menos abundante no verão, quando houve o predomínio da espécie *C. albiceps*.

Na segunda fase deste estudo, quanto avaliado diferentes fontes de alimento: fígado de ave e bovino e peixe uma nova espécie e indivíduos de outra família foram coletados colonizando os diferentes substratos (Tabela 3).

Tabela 3 – Espécimes observados por substrato exposto na segunda fase do experimento.

| Tipo de substrato | Espécies observadas |
|-------------------|---|
| Fígado bovino | <i>Lucilia eximia</i> , <i>Chrysomya megacephala</i> |
| Fígado de ave | Sarcophagidae, <i>Lucilia eximia</i> , <i>Chrysomya megacephala</i> |
| Peixe | Sarcophagidae, <i>Lucilia eximia</i> , <i>Chrysomya megacephala</i> |

Foram coletadas 50 larvas de segundo e terceiro estágio, sendo encontradas 45 larvas de espécimes da família Calliphoridae: 42 larvas de *L. eximia* e 3 larvas de *Chrysomya megacephala* (Fabricius, 1794) e, 5 larvas de espécimes da família Sarcophagidae (Wiedemann, 1819).

Dentro das duas espécies da família Calliphoridae espécimes de *L. eximia* foram frequentemente encontradas em maior número com exceção quando o substrato foi o fígado bovino. A espécie *C. megacephala* é comumente encontrados em carnes quando expostas em matadouros e, em corpos de animais em decomposição. Esta espécie é considerada como indicadora forense em nossa região (Sudeste do Brasil), pois são frequentemente encontradas colonizando corpos em decomposição (CARVALHO et al., 2000).

A família Sarcophagidae é de grande importância forense, pois várias espécies são coletadas de carcaça em decomposição. Sua participação na decomposição é muito ativa, sendo que Barros et al. (2008) coletaram 2.947 indivíduos desta família decompondo carcaça suína no Cerrado brasileiro, em um intervalo de apenas 7 dias.

A morfologia do ovo e das larvas é pouco estudada e, como em outras famílias de Díptera, os sarcófagídeos possuem taxonomia bastante complexa, baseada, principalmente, nos caracteres da terminália masculina. As fêmeas são pouco conhecidas e de difícil identificação. Como não existe identificação possível através de estágios larvais, as fêmeas raramente podem ser identificadas e a identificação dos machos requer um trabalho especializado. Os imaturos coletados em carcaças devem ser criados até o estágio adulto e, de preferência, os machos devem ser enviados aos especialistas com a genitália distendida. As espécies desse grupo têm preferência pelos períodos frios do ano, colonizando carcaças no outono e inverno e possuem uma preferência por estágios adiantados de decomposição. No Brasil, as espécies que mais se destacam associadas a carcaças, são aquelas dos gêneros *Oxysarcodexia*, *Peckia*, *Ravinia* e *Sarcophaga*. (OLIVEIRA-COSTA, 2007).

Estudo realizado por Valle et al. (2007) sobre insetos decompositores também na cidade de Jundiáí mostrou a ocorrência de indivíduos das famílias Calliphoridae, Sarcophagidae e Fanniidae, decompondo corpo de rato branco durante o período do inverno.

Considerando-se os resultados deste estudo obtidos nas duas etapas propostas, consideramos que eles corroboram com os registrados na literatura: *a*) confirmando que *L. eximia* é cosmopolita e uma das primeiras espécies de Calliphoridae a colonizar substratos orgânicos enquanto estes estão no estágio inicial (pois foi a espécie mais frequente e em maior número durante todo o estudo) e, *b*) a importância das famílias Calliphoridae e Sarcophagidae como insetos necrófagos de carcaças na região de Jundiáí, sendo este o segundo registro de sua ocorrência.

Dados coletados por pesquisadores de outros países sobre insetos decompositores devem ser aplicados com muita cautela, pois, alterações ambientais podem levar à mudanças na dispersão larval, dos insetos adultos e comportamento de enterramento das formas imaturas

(GOMES et al. 2006). No Brasil, ocorre uma ampla diversidade de espécies de importância forense, reforçando que estudos regionais sobre as espécies decompositoras são de suma importância para o uso correto desta ferramenta em medicina forense.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Wanderley Carvalho, professor no curso de licenciatura em Biologia do Centro Universitário Padre Anchieta, por nos ajudar com idéias para o desenvolvimento mais completo deste trabalho, sendo possível consultar seus estudos referentes à mesma área. À Dra. Patrícia Jacqueline Thyssen, do Departamento de Biologia Animal da Universidade de Campinas (Unicamp), pela identificação das larvas coletados neste estudo

REFERÊNCIAS

BARROS, R.M.; MELLO-PATIU, C. A.; PUJOL-LUZ, J.R. Sarcophagidae (Insecta, Diptera) associados à decomposição de carcaças de *Sus scrofa* Linnaeus (Suidae) em área de Cerrado do Distrito Federal, Brasil. *Revista Brasileira de Entomologia* 52(4): 606-609, 2008.

BENECKE, M. A brief history of forensic entomology. *Forensic Science International*, 120: 2-14, 2001.

BYRD, J. H. Laboratory rearing of forensic insects. In: BYRD, J.H.; CASTNER, J.L. (Ed.). *Forensic entomology: the utility of arthropods in legal investigations*. Boca Raton: CRC Press, 121-142, 2001.

CARVALHO C.J.B. , RIBEIRO, P.B. Chave de identificação das espécies de Calliphoridae (Diptera) do sul do Brasil. *Revista Brasileira Parasitologia Veterinária*, 9, 2, 169-173, 2000.

CARVALHO, L. M. L.; A. X. LINHARES. Seasonality of insects succession and pig carcass decomposition in a natural forest área in southeastern Brazil. *Journal of Forensic Science* 46: 604– 608, 2001.

CARVALHO, L.M.L., THYSSEN, P.J., LINHARES, A.X.; PALHARES, F.B. A checklist of arthropods associated with pig carrion and human corpses in southeastern Brazil. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 95 (1): 135-138, 2000.

CARVALHO, C.J.B.; MELLO-PATIU, C.A. Key to the adults of the most common forensic species of Diptera in South America. *Revista Brasileira de Entomologia* 52 (3): 390-406, 2008.

GOMES, L., GOMES, G.; OLIVEIRA, H.G.; SANCHES, M. R.; VON ZUBEN, C. J. Influence of photoperiod on body weight and depth of burrowing in larvae of *Chrysomya megacephala* (Fabricius) (Diptera, Calliphoridae) and implications for forensic entomology. *Revista Brasileira de Entomologia* 50 (1): 76-79, 2006.

GUEDES, M. L. P. , Ecologia e biologia: o estado da arte - Calliphoridae. Laboratório de Entomologia Médica e Veterinária Departamento de Zoologia, 2008, PR.

LIMA, C.G.P. Detecção e estudo sobre o efeito da Metanfetamina e do Ecstasy no desenvolvimento de imaturos de três espécies de *Chrysomya* (Diptera: Calliphoridae) de importância forense. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, 2009.

OLIVEIRA-COSTA, J. *Entomologia Forense: quando os insetos são vestígios*, Campinas: Millenium Editora, 2007.

SEGURA, N.A.; USAQUÉN, W.; SANCHEZ, M.C.; CHUAIRE, L.; BELLO, F. Succession pattern of cadaverous entomofauna in a semi-rural área of Bogota, Colombia. *Forensic Science International* 187 66–72, 2009.

SOUZA, A.S.B.; KEPPLER, R.L.F. Sobrevivência de pupas de *Lucilia eximia* (Wiedemann) (Diptera, Calliphoridae) após submersão em laboratório. *Revista Brasileira de Entomologia* 53(3): 490–492, 2009.

SOUZA, A.S.B.; KIRST, F.D.; KRÜGER, R.F. Insects of forensic importance from Rio Grande do Sul state in southern Brazil. *Revista Brasileira de Entomologia* 52(4): 641-646, 2008.

TAVARES, Maria Cristina Henrique. Sucessão faunística de populações de insetos associados à decomposição de carcaças de suínos expostas em diferentes altitudes e condições pluviométricas na reserva florestal da Serra do Japi, Jundiá, SP. 2003. 111p. Tese (Doutorado em Parasitologia). Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, campinas/SP.

URURAHY-RODRIGUES, A.; RAFAEL, J.A.; WANDERLEY, R.F.; MARQUES, H.; PUJOL-LUZ, J.R. *Coprophanaeus lancifer* (Linnaeus, 1767) (Coleoptera, Scarabaeidae) activity moves a man-size pig carcass: Relevant data for forensic taphonomy. *Forensic Science International* 182: 19–22, 2008.



VALLE, L.J.A ; SILVA, N.C; CARVALHO, W. Dipterofauna sazonal associada a cadáveres no município de Jundiaí-SP. **Projeto de pesquisa** apresentado ao centro Universitário Padre Anchieta, Jundiaí, SP, 2007.

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E FINANCEIRA E O CURRÍCULO DO ENSINO FUNDAMENTAL BRASILEIRO

Helio Rosetti Júnior³
Juliano Schimiguel⁴

Resumo: Este trabalho tem por objetivo debater e destacar o significado da Educação Matemática Financeira no Ensino Fundamental e Técnico, tendo em vista as questões relativas aos currículos, os conteúdos curriculares, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecidos pelo MEC, bem como as necessidades do mercado de trabalho para os novos profissionais nas organizações empresariais e nas comunidades. Dessa maneira, o trabalho procura destacar a presença da Matemática Financeira nos documentos oficiais acerca de currículo do MEC, com suas conseqüências para o ensino de matemática e formação dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Matemática; Ensino; Currículo; PCN; Matemática Financeira.

Abstract: This paper aims to discuss and highlight the significance of Financial Education in High School Mathematics and Technical Education, taking into account issues relating to curriculum, the curriculum, the National Curriculum Parameters (NCP) established by the MEC and the needs of the labor market for young professionals in business organizations and communities. Thus, the work seeks to highlight the presence of Financial Mathematics in the official documents about the curriculum of the MEC, with its consequences for the teaching of mathematics and education of students.

Keywords: Math Education, Teaching, Curriculum, NCP, Financial Mathematics.

INTRODUÇÃO

Ensinar os fundamentos de matemática tem sido uma tarefa desafiadora para o sistema educacional brasileiro. Historicamente, os resultados de desenvolvimento e formação dos alunos têm sido com baixo rendimento, tendo elevadas taxas de reprovação e retenção, por conta das grandes barreiras de aproveitamento enfrentadas pelos estudantes.

Desenvolver estratégias educacionais, curriculares e pedagógicas que levem o ensino de matemática para a maioria dos alunos, sobretudo nos cursos de perfil profissionalizante, tem sido um desafio para educadores e gestores da educação, na perspectiva de proporcionar a evolução plena dos jovens no contexto educacional brasileiro (ROSETTI e SCHIMIGUEL, 2009).

³ Professor do IFES (helio@ifes.edu.br).

⁴ Centro Universitário Padre Anchieta (jschimiguel@anchieta.br)

Vale destacar que falar em currículo escolar ou acadêmico significa, sobretudo, falar também na vida do aluno e da comunidade escolar em permanente ação, isto é, educandos e educadores, no espaço escolar, constroem e formatam, através de processos de valorização e do cotidiano que vivenciam o currículo apropriado para o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao desenvolvimento educacional dos estudantes.

Assim, tomamos neste texto como significado de currículo todas as situações vivenciadas pelo estudante dentro e fora do ambiente escolar, em seu cotidiano, as relações sociais, as experiências de vida acumuladas por esse estudante ao longo de sua vida, as quais contribuem para a formação de uma perspectiva de construção e formação educacional.

Com isso, o ensino, o trabalho pedagógico e uso dos modelos matemáticos e financeiros em sala de aula devem estar em consonância com as necessidades, os interesses e as experiências de vida dos alunos.

MATEMÁTICA FINANCEIRA NOS CURRÍCULOS

De acordo com as Bases Legais dos PCN, a preocupação com a formação para atuação no mundo do trabalho deve ser efetiva nos currículos bem como nos conteúdos trabalhados nas escolas, visando uma aplicação imediata dos conhecimentos.

Do ponto de vista legal, não há mais duas funções difíceis de conciliar para o Ensino Médio, nos termos em que estabelecia a Lei nº 5.692/71: preparar para a continuidade de estudos e habilitar para o exercício de uma profissão. A duplicidade de demanda continuará existindo porque a idade de conclusão do ensino fundamental coincide com a definição de um projeto de vida, fortemente determinado pelas condições econômicas da família e, em menor grau, pelas características pessoais. (BRASIL, 1999).

Conforme os PCN, numa perspectiva educacional inclusiva do currículo⁵, o entendimento mais amplo da Matemática com seus temas é fundamental para o indivíduo na sociedade tomar decisões em sua vida profissional, social e pessoal, podendo agir com equilíbrio e racionalidade diante das relações de consumo, com condições de identificar as melhores opções de negócios. Dessa forma, as orientações do MEC ressaltam a importância da Matemática para o jovem no Ensino Médio destacando:

Em um mundo onde as necessidades sociais, culturais e profissionais ganham novos contornos, todas as áreas requerem alguma competência em Matemática e a possibilidade de compreender conceitos e procedimentos matemáticos é necessária tanto para tirar conclusões e fazer argumentações, quanto para o cidadão agir como consumidor prudente ou tomar decisões em sua vida pessoal e profissional. (BRASIL, 1999).

Buscando orientar os currículos de Matemática no Ensino Fundamental, destacando uma preocupação com a formação e interação cidadã⁶ do estudante com a sociedade, com a vida profissional e cultural, num mundo e em um ambiente de trabalho em constantes transformações, os PCN formulam que:

Em seu papel formativo, a Matemática contribui para o desenvolvimento de processos de pensamento e a aquisição de atitudes, cuja utilidade e alcance transcendem o âmbito da própria Matemática, podendo formar no aluno a capacidade de resolver problemas genuínos, gerando hábitos de investigação, proporcionando confiança e desprendimento para analisar e enfrentar situações novas, propiciando a formação de uma visão ampla e científica da realidade,(...)(BRASIL, 1999).

A matemática no Ensino Fundamental e Técnico deve ser trabalhada preparando o jovem para os diferentes contextos, fugindo-se dos modelos previamente formatados. Afinal, no dia-a-dia do ambiente de trabalho os problemas não são padronizados nem as soluções são prontas para uma simples opção. Ao contrário, apresentam a complexidade dos múltiplos

⁵ Um currículo que aponte para a participação efetiva do aluno na comunidade onde vive.

⁶ Neste aspecto com ações pedagógicas voltadas para a cidadania plena, a inclusão educacional e social dos alunos em suas comunidades.

fatores de uma sociedade em permanente mudança. Com isso, no ambiente corporativo⁷ e de trabalho, o estudante poderá fazer uso de competências e habilidades financeiras, possibilitando mecanismos de inserção social.

No que diz respeito ao caráter instrumental da Matemática no Ensino Médio, ela deve ser vista pelo aluno como um conjunto de técnicas e estratégias para serem aplicadas a outras áreas do conhecimento, assim como para a atividade profissional. Não se trata de os alunos possuírem muitas e sofisticadas estratégias, mas sim de desenvolverem a iniciativa e a segurança para adaptá-las a diferentes contextos, usando-as adequadamente no momento oportuno (BRASIL, 1999).

Cabe destacar que o desemprego e a desocupação dos jovens⁸ é um dos mais graves problemas da atualidade, pois a dramática situação da falta de postos de trabalho e as dificuldades de acesso à rede de proteção social transformam a fase da juventude em uma etapa de incerteza, carente de inclusão social e educacional (BARBOSA e DELUIZ, 2008). Nesse sentido, merece destaque a orientação contida nos PCN +⁹, Ensino Médio - Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, acerca do significado educacional do Ensino de Matemática.

A resolução de problemas é peça central para o ensino de Matemática, pois o pensar e o fazer se mobilizam e se desenvolvem quando o indivíduo está engajado ativamente no enfrentamento de desafios. Essa competência não se desenvolve quando propomos apenas exercícios de aplicação dos conceitos e técnicas matemáticos, pois, neste caso, o que está em ação é uma simples transposição analógica(...)(BRASIL, 2002).

Nos temas estruturadores¹⁰ do ensino de matemática no PCN +, a competência de se utilizar os conhecimentos matemáticos em situações diversas nos estudos de Álgebra deve ser implementada, buscando a autonomia¹¹ do educando diante da vida e na comunidade.

⁷ Nas empresas com suas demandas no mundo do trabalho.

⁸ Segundo pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) de 2008, o desemprego entre jovens de 15 a 24 anos é 3,5 vezes maior do que entre os trabalhadores considerados adultos, com mais de 24 anos.

⁹ Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.

¹⁰ Aqui com o significado de ementas gerais por disciplinas, não como meros tópicos disciplinares, mas na forma do que se denomina de *temas estruturadores*.

¹¹ Aqui no sentido de cidadão pleno na sociedade.

O primeiro tema ou eixo estruturador, Álgebra, na vivência cotidiana se apresenta com enorme importância enquanto linguagem, como na variedade de gráficos presentes diariamente nos noticiários e jornais, e também enquanto instrumento de cálculos de natureza financeira e prática, em geral. No ensino médio, esse tema trata de números e variáveis em conjuntos infinitos e quase sempre contínuos, no sentido de serem completos (BRASIL, 2002)

A perspectiva e o olhar crítico devem ser implementados no currículo e nos saberes no ensino de matemática, tendo em vista o conjunto de possibilidades que a matemática abre, na vivência cotidiana.

O ensino, ao deter-se no estudo de casos especiais de funções, não deve descuidar de mostrar que o que está sendo aprendido permite um olhar mais crítico e analítico sobre as situações descritas. As funções exponencial e logarítmica, por exemplo, são usadas para descrever a variação de duas grandezas em que o crescimento da variável independente é muito rápido, sendo aplicada em áreas do conhecimento como matemática financeira, crescimento de populações, intensidade sonora, pH de substâncias e outras. A resolução de equações logarítmicas e exponenciais e o estudo das propriedades de características e mantissas podem ter sua ênfase diminuída e, até mesmo, podem ser suprimidas. (BRASIL, 2002).

A passagem do jovem trabalhador da escola para o mundo do trabalho é delimitada e definida pelas dificuldades de sobrevivência da família. Normalmente, quanto menor a renda familiar, maior a proporção de jovens que precisam trabalhar e ingressar no mundo corporativo e organizacional.

Na resolução de problemas, o tratamento de situações complexas e diversificadas oferece ao aluno a oportunidade de pensar por si mesmo, construir estratégias de resolução e argumentações, relacionar diferentes conhecimentos e, enfim, perseverar na busca da solução. E, para isso, os desafios devem ser reais e fazer sentido. (BRASIL, 2002).

Com isso, a aprendizagem passa a ter significado real na vida do estudante, ampliando suas possibilidades de vida e melhorando seu convívio familiar e comunitário.

CONCLUSÕES

A Matemática, e em particular a Matemática Financeira, não pode continuar sendo um fator de exclusão do sistema escolar brasileiro, do mundo profissional e do ambiente

corporativo, num contexto informatizado em que as linguagens nos veículos de informação são carregadas de signos lógicos quantitativos (ROSETTI, 2003, P.22).

Por outro lado, as mudanças realizadas no mundo do trabalho têm modificado as exigências para a entrada no mercado de trabalho, tornando cada vez mais urgentes as necessidades de jovens e adultos trabalhadores em aumentar sua escolaridade e qualificar-se profissionalmente, o que procuram fazer, dentre outras formas, por meio de projetos ou programas estatais desenvolvidos em parceria com organizações da sociedade civil, como é o caso do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE). (BARBOSA e DELUIZ, 2008)

Dessa forma, Incrementar currículos e práticas educacionais no cotidiano das escolas, incluindo os estudantes brasileiros e os trabalhadores no mundo da matemática financeira, tem o significado de inserir uma parte significativa da nossa população no ambiente numérico da vida econômica e financeira de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, CARLOS SOARES; DELUIZ, NEIZE. *Qualificação Profissional de Jovens e Adultos Trabalhadores: O Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego em Discussão*. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 34, n.1, jan./abr. 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. *PCN+*. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

ROSETTI JÚNIOR., HELIO. *Não Pare de Estudar*. Vitória: Oficina de Letras, 2003.



ROSETTI JÚNIOR, H.; SCHIMIGUEL, J.. *Educação matemática financeira: conhecimentos financeiros para a cidadania e inclusão*. InterScience Place, v. 2, p. 1-13, 2009.

REPRESENTAÇÕES DA MULHER DO SUL DOS ESTADOS UNIDOS: *GONE WITH THE WIND*, de MARGARET MITCHELL MARSH, E *A ROSE FOR EMILY*, DE WILLIAM FAULKNER

Isabel Cristina Alvares de Souza¹²

Uma grande literatura deverá surgir desta era de quatro anos.
Walt Whitman, referindo-se à Guerra Civil Americana

Resumo: Este artigo resulta de uma breve pesquisa e reflexão sobre o lugar destinado à mulher na sociedade sulista dos EUA na segunda metade do século XIX, profundamente marcada pela Guerra Civil (1861-1865). São contrastadas duas representações literárias da inserção social da mulher – a personagem Emily, do conto *A rose for Emily* (William Faulkner, 1897-1962) e a personagem Scarlett, do romance *Gone with the wind* (Margareth Mitchell Marsh, 1900-1949) –, buscando-se identificar diferentes movimentos de submissão e reação a padrões de conduta preestabelecidos e esperados.

Palavras-chave: Sociedade patriarcal. Inserção social da mulher. Sujeição. Reação.

Abstract: This article results from a brief survey and reflection on the place assigned to women in the southern society of the U.S.A. in the second half of the nineteenth century, deeply marked by the Civil War (1861-1865). Two literary representations of social inclusion of women have been contrasted - the character Emily, from the short story *A rose for Emily* (William Faulkner, 1897-1962) and the character Scarlett, from the novel *Gone with the wind* (Margaret Mitchell Marsh, 1900-1949) -, in order to identify different movements of submission and response to pre-established and expected patterns of behavior .

Keywords: Patriarchal society. Social status of women. Subjection. Reaction.

I. Introdução

Conforme a narração encontrada na Bíblia, os Dez Mandamentos da Lei de Deus foram transmitidos a Moisés no monte Sinai (Êxodo 19 - 20). O texto bíblico do décimo mandamento apresenta a mulher/esposa como propriedade do marido, alinhando-a aos escravos, aos animais e aos demais bens materiais: “Não cobiçarás *a casa do teu próximo*: não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, *nem nada do que lhe pertence*.” (Êxodo 20, 17; grifos nossos). Embora a ideia da mulher como propriedade do marido seja inequívoca, sendo ela contada entre os elementos que compõem a sua ‘casa’, é preciso reconhecer que há uma hierarquização de valores de acordo com a qual a esposa está acima dos escravos, estes acima das escravas, que por sua vez

estão acima dos animais, e assim por diante. Ainda que no topo da hierarquia, a mulher/esposa nada mais é do que uma propriedade; assim como os escravos, tem estatuto de ‘coisa’. Está claro que os Dez Mandamentos foram engendrados de acordo com o imaginário masculino, e no texto bíblico não há empenho em camuflar essa filiação, uma vez que foram ‘transmitidos’ a um homem por um Deus totalmente identificado com esse gênero (Aquele que é, o Senhor, Pai etc.). Paralelamente à versão bíblica, há uma versão ligeiramente modificada do texto dos Dez Mandamentos, constante do Catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana. De acordo com essa versão, o nono mandamento é “não desejar a mulher do próximo” e o décimo é “não cobiçar as coisas alheias”. Nessa redação, aboliu-se a referência a escravos e a palavra ‘coisas’ é o termo generalizante para indicar bens e propriedades. Apesar de a mulher/esposa ter sido destacada das demais propriedades num mandamento exclusivo, o que pode revelar o esforço no sentido de se distinguir pessoa de coisa, a expressão ‘mulher do próximo’ conserva a idéia de posse, além de situá-la como objeto de cobiça, de desejo, colocando o homem na posição de sujeito desse desejo, não havendo a contrapartida ‘não desejar o homem/marido da próxima’, em que a mulher seria o sujeito e o homem o objeto de propriedade e desejo. A versão ‘atualizada’ dos Dez Mandamentos, portanto, embora tenha elevado a mulher à categoria de pessoa, confere-lhe um estatuto de pessoa-objeto.

No mundo organizado pelo pensamento masculino, no modelo de sociedade patriarcal, historicamente a mulher tem sido inferiorizada, submetida, vencida. O estatuto de pessoa-objeto, apontado no texto dos Dez Mandamentos, se repete ao longo da história e pode ser observado mesmo nos dias atuais, a despeito dos movimentos que reivindicam alterações nessa ordem e dos novos padrões de comportamento que se observam. Na luta pela igualdade de direitos, por exemplo, as mulheres reivindicaram e conquistaram o ingresso no mundo do trabalho fora de casa, sem que os homens tenham assumido o compartilhamento dos deveres do lar. O resultado são jornadas de trabalho duplas ou triplas para as mulheres, e o modelo de estrutura familiar patriarcal em que a mãe é responsável pelos cuidados da casa e dos filhos permanece praticamente inalterado. Tomando a imagem de uma guerra, diríamos que as mulheres lutam no campo do inimigo, o que as coloca em franca desvantagem. O sexo

¹² Graduada em Letras, e Pós-Graduada em Língua Inglesa (Lato Sensu) pelo Centro Universitário Padre Anchieta, onde atualmente é professora de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Textos, Português e Comunicação Empresarial e Metodologia do Trabalho Científico.

feminino se esforça por encontrar seu lugar e construir sua identidade num mundo dominado pela lógica masculina. Entendendo que postular a superioridade do sexo feminino e pretender impor essa ordem seria cair no extremo oposto da perversidade, pois “um matriarcado que seja o oposto do patriarcado terá suas próprias vítimas e carrascos” (NYE, trad. por CAIXEIRO, 1995, p. 177), e que empunhar a bandeira da igualdade dos sexos seria querer dar tratamento indistinto a elementos significativamente diferentes, em nossa análise de duas personagens femininas da literatura norte-americana tomaremos por base o pensamento de Julia Kristeva, comentado por Andrea Nye: “As mulheres devem conseguir respeitabilidade ingressando no pensamento patriarcal e dominando-o, porque não há outro, mas ao mesmo tempo devem constantemente exibir esse pensamento.” (Ibidem, p. 178). Talvez essa não seja a melhor alternativa, certamente não é a mais moderna, mas a princípio nos parece ter estado na base do comportamento das personagens em estudo.

Na breve análise que nos propomos a fazer, pretendemos mostrar como duas mulheres – Scarlett O’Hara (*Gone with the wind*) e Emily Grierson (*A rose for Emily*) – transitaram pela sociedade patriarcal norte-americana da segunda metade do século XIX (mais precisamente durante a Guerra de Secessão (1861-1865) e o período de reconstrução que a ela se seguiu, no caso de Scarlett) e também pelo início do século XX (Emily). Na trajetória dessas duas personagens, procuraremos apontar a submissão e os movimentos de reação a esse modelo e a apropriação do pensamento patriarcal, bem como até que ponto e a que preço Scarlett e Emily conseguiram se impor como identidades femininas.

Na análise da personagem de Margaret Mitchell nos basearemos principalmente na versão filmada da obra, da qual extrairemos parte das citações. Entendemos que uma análise mais profunda e completa deve necessariamente se basear no romance, tarefa que tencionamos empreender em nosso trabalho de conclusão de curso. Para este trabalho, realizado em tempo limitado, relemos apenas a primeira parte do romance (capítulos I ao VII, que correspondem a um sétimo do total), na edição brasileira de 1986 com tradução de Francisca de Basto Cordeiro. As citações extraídas desse volume serão referidas pelo número da página. Essa releitura de pequena parte da obra foi de extrema utilidade, pois trouxe à luz a postura francamente feminista da autora, para a qual não havíamos atentado quando da primeira leitura, há quase vinte anos. Quanto à personagem de Faulkner, basearemos nossa análise no texto original em inglês, do qual extrairemos as citações, embora não disponhamos da referência da obra da qual o conto é parte, exceto pelos números de páginas, que

informaremos. Como apoio à leitura, lançaremos mão da tradução constante do volume *Maravilhas do Conto Norte-Americano*, relacionado nas referências. Antes de darmos início à análise, apontaremos na próxima seção alguns aspectos comuns às duas obras, que são a razão de termos escolhido as respectivas protagonistas para este trabalho.

II. *Gone with the wind* e *A rose for Emily* – pontos de contato

O conto *A rose for Emily*, de William Faulkner (1897-1962), foi publicado pela primeira vez em 1930 e está entre as obras do autor que mais frequentemente aparecem em antologias, além de ter sido, entre outras, adaptada para o cinema (Chubbuck Cinema Company. Santa Monica, CA: Pyramid Film & Video, 1983). A maior parte do romance de Margaret Mitchell Marsh (1900-1949), *Gone with the wind*, foi escrita entre 1926 e 1929, enquanto ela se recuperava de um acidente. A obra só foi completada em 1936, quando a autora foi convencida a publicá-la. Três anos depois, em dezembro de 1939, foi lançada a versão cinematográfica da história de Scarlett O'Hara, interpretada por Vivien Leigh, com direção creditada exclusivamente a Victor Fleming (George Cukor, Sam Wood, William Cameron Menzies e Sidney Franklin, embora não creditados, dirigiram partes do filme). Sidney Howard é o roteirista creditado, mas sabe-se que os escritores F. Scott Fitzgerald (1896-1940) e William Faulkner também trabalharam no roteiro filmado.

A rose for Emily e *Gone with the wind* vieram a público na mesma década, o conto e o romance escritos por autores sulistas ocupados em retratar a decadência do Velho Sul aristocrático e o advento de uma nova era, cujo marco foi a Guerra Civil Americana, que os sulistas acreditavam vencer em um mês e da qual saíram derrotados após quatro anos. William Faulkner nasceu em New Albany, Mississippi, e passou a maior parte da vida em Oxford; Margaret Mitchell Marsh nasceu e viveu em Atlanta, Georgia. William Faulkner é reputado como um dos maiores escritores norte-americanos, dono de um estilo narrativo original e de enredos e personagens carregados de simbolismo e de humanidade. Analisando e retratando a vida no Sul dos Estados Unidos em diversos contos e romances, “o escritor *regional* entraria a fundo no coração humano.” (BRASIL, 1992, p. 121; grifo do autor). O escritor trabalhou em roteiros de cinema, apenas por dinheiro, e recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1949. Margaret Mitchell Marsh trabalhou como jornalista no Atlanta Journal entre 1922 e 1926 e escreveu uma única obra, que se tornou rapidamente um *best seller*. Sua

narrativa é linear, e até onde pudemos observar, dado não ser esse o objetivo deste trabalho, não apresenta grande invenção literária; trata-se de uma boa história e bem contada, nos moldes tradicionais. Talvez por isso a autora, apesar de ter recebido o Prêmio Pulitzer em 1937, não conste de obras de referência sobre a literatura norte-americana, como as de Peter High e Marisis Aranha Camargo, por exemplo, que consultamos para a realização deste estudo. Muitos críticos e historiadores consideram a obra de Margaret Mitchell Marsh um retrato romantizado do Sul, carregada de compromisso ideológico com a causa dos Confederados. De qualquer forma, encontramos em Faulkner e Marsh algumas coincidências que importam ao nosso trabalho¹³.

Faulkner e Marsh nasceram e cresceram no Sul do país, profundamente alterado pela Guerra Civil, ambos envolvidos pela história singular da região. Ambos lançaram um olhar ao passado, escrevendo já no século XX (marcado pela Primeira Guerra, de 1914-1918) histórias passadas no final do século XIX ou pelo menos nele enraizadas. Nesse caso, o ponto de observação e de criação dos autores foi privilegiado, pois eles dispuseram de um relativo distanciamento no tempo que possibilitou o conhecimento dos eventos e de suas conseqüências menos imediatas e o traçado de perfis individuais inseridos num contexto histórico e social bem definido. Mas, se houve distanciamento no tempo, por um lado, não houve distanciamento afetivo, por outro. Faulkner e Marsh situaram suas histórias num tempo passado bem conhecido, numa região familiar, onde seus antepassados viveram antes deles próprios. Um exemplo desse componente afetivo pode ser o tratamento dado pelos autores ao tema da guerra. Além do conhecimento da Guerra Civil e de suas conseqüências, William Faulkner serviu na Força Aérea do Canadá durante a Primeira Guerra Mundial e em suas obras aparecem o tema da inutilidade e desumanidade das guerras e o tema do mundo em mutação, em que tradições e valores são arruinados. O ‘romântico’ Ashley Wilkes de Marsh, o único dos personagens masculinos que reconhece a insensatez da guerra, faz um eloqüente protesto contra essa instituição: “Evitemos a guerra. A maior parte das desgraças da humanidade são originadas das guerras. Uma vez terminadas, é raro que se saiba, ao certo, a razão que as provocou.” (p. 91). Os roteiristas do filme conservaram essa fala do personagem, que é particularmente demonstrativa de sua sensibilidade. Na seqüência da narrativa a Guerra Civil estoura, por ser ‘inevitável’ de acordo com a lógica masculina, e arrasa toda uma

¹³ No caso de William Faulkner, cuja obra é extensa e complexa, concentraremos nossa atenção e nos

civilização, com suas tradições e valores, igualmente. Mas essa não é a coincidência na qual nos deteremos especialmente. As protagonistas das obras em questão é que serão o foco de nossa atenção.

Emily Grierson e Scarlett O'Hara, representantes da aristocracia patriarcal do Sul, vêm seu mundo se arruinar – devido à Guerra Civil diretamente ou pela nova ordem que a partir dela se instaura – e precisam manter ou recuperar seu lugar na sociedade. Mas esse lugar, a despeito de pertencerem à 'nobreza' local, é de sujeição, resignação e silêncio, como compete às mulheres. Emily e Scarlett transitam entre a submissão e a reação, sob o olhar 'afetivo' de seus criadores, e aqui é importante que se destaque que Emily é criação de um homem e Scarlett de uma mulher. Postas lado a lado, certamente Emily e Scarlett inspirarão emoções diferentes, principalmente nas mulheres. Aceitas ou rejeitadas como modelos, elas têm muito a revelar da condição feminina num determinado lugar e época, mas também, de modo geral, da condição feminina num mundo masculino.

III. Emily Grierson e Scarlett O'Hara – submissão e reação

Marisis Aranha Camargo afirma que os melhores romances de Faulkner são aqueles em que o autor lida com o Sul dos Estados Unidos. Essas histórias são situadas no ambiente mítico por ele criado: "Faulkner invented a 'mythical kingdom' which consists of Yoknapatawpha County and the city of Jefferson. In these novels, Faulkner focuses his attention on the economical and social decay of the South after the Civil War." (1986, p. 75). É nessa cidade mítica de Jefferson que vive a família Grierson. O narrador da história é um dos membros da sociedade local, que não se identifica explicitamente, nem tampouco participa de todos os eventos diretamente, como participa da entrada na casa de Emily após sua morte, por exemplo: "For a long while *we* just stood there..."¹⁴ (p. 137). Esse narrador, entretanto, compartilha sentimentos e impressões que a população nutre a respeito dos Griersons: "*People in our town* (...) believed that the Griersons held themselves a little too high for what they really were (...) *We* had long thought of them as a tableau..." (p. 132); "*We* did not say she was crazy then." (p. 132); "At first *we* were glad that Miss Emily would have an interest..." (p. 133). Há uma pista de que esse narrador seja um homem, nesse caso

referiremos unicamente ao conto em estudo.

provavelmente um dos antigos pretendentes à mão da jovem, rejeitado pelo seu pai: “*None of the young men were quite good enough for Miss Emily and such. We had long thought of them as a tableau (...) So when she got to be thirty and was still single, we were not pleased exactly, but vindicated.*” (p. 132).¹⁵ A identificação do narrador com um dos rapazes é inevitável, ainda mais que o fato de Emily permanecer solteira funciona como uma espécie de prova de que os pretendentes estavam certos ao supor que os Griersons superestimavam seu valor, o que os absolvía da pecha de inferioridade. Suposições à parte, o narrador, quem quer que seja, atua como uma espécie de porta-voz da comunidade, mostrando a complexidade de sentimentos e impressões que os Griersons inspiram, narrando na primeira pessoa do plural ou na terceira, conforme seu próprio envolvimento nos acontecimentos: “*When we saw her again...*” (p. 132); “*So we were not surprised when Homer Barron (...) was gone.*” (p. 135); “*They called a special meeting of the Board of Aldermen.*” (p. 129); “*So the next night, after midnight, four men crossed Miss Emily’s lawn...*” (p. 131); “*At last they could pity Miss Emily.*” (p. 132). É interessante notar, ainda, que esse narrador tem sobretudo uma atitude respeitosa em relação a Emily, parece sensibilizar-se com sua tragédia, oferecendo-lhe uma rosa como se fosse um tributo, uma homenagem, a ela que teve em seu funeral apenas ‘flores compradas’: “*...with the town coming to look at Miss Emily beneath a mass of bought flowers...*” (p. 137).¹⁶

Assim como é complexa a figura do narrador, e Faulkner se utiliza amplamente do foco narrativo na construção de sentidos, o restabelecimento da cronologia dos eventos também não é tarefa simples. Mestre na utilização da técnica do fluxo de consciência, Faulkner abdica do encadeamento linear dos acontecimentos. Das pistas deixadas aqui e ali, conclui-se que Emily viveu entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX: “*It was a big, squarish frame house that had once been white, decorated with cupolas and spires and scrolled balconies in the heavily lightsome style of the seventies...*” (p. 129); “*...that day*

¹⁴ Desta citação em diante todos os grifos são nossos.

¹⁵ Na tradução utilizada como apoio à leitura, o narrador é explicitamente identificado como um dos rapazes da cidade: “Assim, quando ela chegou aos trinta anos ainda solteira, não posso dizer que isso tenha causado uma verdadeira alegria, mas nós, os rapazes, nos sentimos vingados...” (Maravilhas do Conto Norte-Americano, p. 213).

¹⁶ Essa idéia que tão francamente emana do texto foi confirmada pelo autor, em 1955, quando questionado sobre a personagem; o autor assumiu ter se apiedado de Emily, a quem saudou com uma rosa, o que qualquer um faria: “[The title] was an allegorical title; the meaning was, here was a woman who had had a tragedy, an irrevocable tragedy and nothing could be done about it, and I pitied her and this was a salute... to a woman you would hand a rose.” (Cf. Faulkner at Nagano).

in 1894 when Colonel Sartoris (...) remitted her taxes...” (p. 129); “From that time on her front door remained closed, save for a period of six or seven years, when she was about forty, during which she gave lessons in china-painting. (...) Meanwhile, her taxes had been remitted.” (p. 135-136); “Up to the day of her death at seventy-four...” (p. 135). Diversas referências temporais são imprecisas, uma particularidade deste narrador: “A deputation waited upon her, knocked at the door through which no visitor had passed since she ceased giving china-painting lessons *eight or ten years before*.” (p. 129-130); “... in *the summer after* her father’s death...” (p.133); “She was *over thirty* then...” (p. 133); “From that time on her front door remained closed, save for a period of *six or seven years*, when she was *about forty*...” (p. 135). Há ainda duas referências explícitas à Guerra Civil, uma delas reveladora de que Emily não pertencia à geração dos combatentes: “And now Miss Emily had gone to join the representatives of those august names where they lay in the cedar-bemused cemetery among the ranked and anonymous graves of Union and Confederate soldiers who fell at the battle of Jefferson.” (p. 129); “... and the *very old men* – some in their brushed Confederate uniforms – on the porch and the lawn, talking of Miss Emily *as if she had been a contemporary of theirs*, believing that they had danced with her and courted her perhaps...” (p. 137).

Feitas essas considerações sobre a figura do narrador e a cronologia dos eventos, nos deteremos na ‘tragédia irrevogável’ de Emily Grierson, uma mulher nascida no seio de uma família patriarcal tradicional, cujo papel seria sempre de submissão, passando da tutela do pai para a de um marido igualmente autoritário. No espectro dessas relações, há sempre a figura do dominador e a do dominado, como nas relações senhor-escravo. Mas a Emily foi negada até mesmo a troca de senhor, pois o pai a reteve para si. Do ponto de vista da população da cidade, os Griersons se sentiam superiores, por isso nenhum rapaz estava à altura de Emily e era rejeitado pelo pai: “People in our town (...) believed that the Griersons held themselves a little too high for what they really were. None of the young men were quite good enough for Miss Emily and such. (...) We remembered all young men her father had driven away...” (p. 132). Essa retenção da filha pelo pai, no entanto, podia ter motivações menos publicáveis. Morto o pai, Emily não tardou a ser vista com um homem, um ianque assalariado, que certamente seu pai expulsaria antes que pudesse se apresentar: “The town had just let the contracts for paving the sidewalks, and in the summer after her father’s death they began the work. The construction company came with niggers and mules and machinery, and a foreman

named Homer Barron, a Yankee (...) Presently we began to see him and Miss Emily on Sunday afternoons driving in the yellow-wheeled buggy...” (p. 133). Provavelmente pela incapacidade de se firmar e estabelecer sua identidade sem a figura de um homem como referência, talvez para se vingar dessa condição que lhe fora imposta, e na iminência de perder o pretendente, Emily o reteve, repetindo o comportamento do pai, mas não pela autoridade, pela força ou pelo dinheiro, que nada disso possuía, não pelo poder feminino de sedução, que não tinha incidência sobre ele: “... Homer himself had remarked – he liked men, and it was known that he drank with the younger men in the Elks’ Club – that he was not a marrying man.” (p. 134). Emily conservou Homer consigo tirando-lhe a vida, e com ela a possibilidade de escolha, e o fez por envenenamento, um método sutil e insidioso, que dispensa o enfrentamento. Também sem enfrentamento, porque os papéis eram pré-determinados e inalteráveis, de dominador e dominado, o pai retirava a filha e frustrava-lhe a ‘vida de mulher’, impondo-lhe um sacrifício que sobreviveria até mesmo à sua morte, fato reconhecido pela comunidade espectadora de sua história: “... as if that quality of her father which had thwarted her woman’s life so many times had been too virulent and too furious to die.” (p. 135). Se Emily matou Homer num surto de loucura – e havia antecedentes na família – ou fria e calculadamente, num movimento de reação, para impedir que a deixasse, para se vingar dele ao saber de sua suposta homossexualidade, para se vingar do pai na pessoa de quem o substituiria, ou por qualquer outro motivo, o fato é que matando-o assenhoreou-se dele, submeteu-o, pôde conservá-lo junto a si. Ao que parece, teve suas núpcias, e o fio de cabelo grisalho encontrado no travesseiro ao lado do que restara de Homer quatro décadas após o envenenamento faz supor que noite após noite ela se deitara ao lado do ‘marido’, compartilhando sua morte: “The body had apparently once lain in the attitude of an embrace, but now the long sleep that outlasts love, that conquers even the grimace of love, had cuckolded him (...) Then we noticed that in the second pillow was the indentation of a head. One of us lifted something from it, and leaning forward, that faint and invisible dust dry and acrid in the nostrils, we saw a long strand of iron-gray hair.” (p.137). Um estudo psicanalítico do triângulo Mr. Grierson, Emily e Homer seria certamente muito revelador: possíveis relações incestuosas, homossexualidade, ausência da figura da mãe, morte. Sobre o tema da morte teceremos ainda algumas considerações.

Embora os eventos não sejam apresentados cronologicamente no texto, a primeira pista sobre a possível loucura de Emily, ou pelo menos a aparente perda do senso de realidade, é

dada quando ela recebe a visita de uma comissão que vem tratar da cobrança de impostos e ela, com uma autoridade que parece tomada de empréstimo ao pai morto, insiste que não tem impostos a pagar e pede que procurem pelo Coronel Sartoris, também morto, que confirmaria o que ela diz: “See Colonel Sartoris. (Colonel Sartoris had been dead almost ten years).” (p. 130). A morte do pai também tinha sido rejeitada por ela, pelo menos a princípio, e o narrador informa que a comunidade compreendia seu apego àquela figura que tudo lhe roubara: “The day after his death all the ladies prepared to call at the house and offer condolence and aid, as is our custom. Miss Emily met them at the door, *dressed as usual and with no trace of grief on her face. She told them that her father was not dead. She did that for three days*, with the ministers calling on her, and the doctors, trying to persuade her to let them dispose of the body. Just as they were about to resort to law and force, she broke down, and they buried her father quickly. *We did not say she was crazy then. We believed she had to do that. We remembered all the young men her father had driven away, and we knew that with nothing left, she would have to cling to that which had robbed her, as people will.*” (p. 132). Emily não reconhece ou não aceita a morte, não cumpre o ritual da morte, de luto e pesar, afirma que o pai não está morto, como dirá mais tarde que procurem pelo Coronel Sartoris como se ele também não estivesse. E num sentido nem tanto simbólico eles de fato não estão: o Coronel Sartoris representa uma organização de mundo e uma autoridade que para Emily não estão mortas, a despeito da modernidade e das novas gerações (“Perhaps he considers himself the sheriff... I have no taxes in Jefferson”, p. 130); o pai serve de figura para que ela se identifique ao fundo, reconheça seu lugar, como na cena imaginada pela comunidade; sua presença, autoridade e virulência extrapolam sua morte física, pois ele já impôs à filha um destino ao qual não pode escapar: “On a tarnished gilt easel before the fireplace stood a crayon portrait of Miss Emily’s father.” (p. 130); “We had long thought of them as a tableau, Miss Emily a slender figure in white in the background, her father a spraddled silhouette in the foreground, his back to her and clutching a horsewhip, the two of them framed by the back-flung front door.” (p. 132); “... as if that quality of her father which had thwarted her woman’s life so many times had been too virulent and too furious to die.” (p. 135); “... the town coming to look at Miss Emily beneath a mass of bought flowers, with the crayon face of her father musing profoundly above the bier and the ladies sibilant and macabre...” (p. 137). É notável como Emily, morto o pai, parece tomar para si sua autoridade, desafiando os poderes constituídos, o ministro Batista, o farmacêutico e a cidade toda, ao desfilar aos domingos com

Homer e no episódio do cheiro: “Perhaps he considers himself the sheriff... I have no taxes in Jefferson (...) So she vanquished them, horse and foot, just as she had vanquished their fathers thirty years before about the smell.” (p. 130-131); “... at last the ladies forced the Baptist minister (...) to call upon her (...) but he refused to go back again. The next Sunday they again drove about the streets...” (p. 134-135); “Miss Emily just stared at him, her head tilted back in order to look him eye for eye, until he looked away and went and got the arsenic...” (p. 134). Também é curioso como todos se retraem e, quando fazem comentários ou tomam providências, não a enfrentam diretamente: “... four men crossed Miss Emily’s lawn and *slunk* about the house *like burglars...*” (p. 131); “And as soon as the old people said, ‘Poor Emily,’ *the whispering began (...) behind jalousies closed* upon the sun of Sunday afternoon...” (p. 133); “The Negro delivery boy brought her the package; *the druggist didn’t come back.*” (p. 134). Emily rejeita a morte do pai e no entanto mata Homer; entendemos que mata para reter, compreende a existência numa determinada ordem e precisa de uma referência masculina para se situar; matando Homer tem-no sob seu controle, impedindo que lhe escape, o que, por um lado, é um exercício de autoridade, de dominação. Por outro lado, entretanto, aprisiona-se a ele, presta-lhe o culto da esposa submissa deitando-se ao seu lado, quiçá por décadas. Teria ela da mesma forma conservado o cadáver do pai, prestando-lhe o culto de filha submissa indefinidamente? Talvez, se as circunstâncias fossem outras. A morte do pai tornou-se pública e ela não pôde ocultá-lo e impedir o enterro. O desaparecimento de Homer não despertou suspeitas, todos pensaram que ele a havia abandonado, o que deu ensejo a que ela o matasse e conservasse seu cadáver, apesar do cheiro: “That was two years after her father’s death and a short time after her sweet-heart – the one we believed would marry her – *had deserted her.*” (p. 131). Emily submeteu sua existência a dois mortos, de cujo jugo aparentemente nunca se livrou, mas sua tragédia é marcada antes de tudo pela morte de sua vida de mulher.

* * *

Outras mulheres aparecem no conto de Faulkner e possibilitam a apreensão de um roteiro prévio a que estão sujeitas. Entendendo que os cuidados da casa são de responsabilidade da mulher, as senhoras da cidade queriam conhecer o interior da casa de Emily, entregue aos cuidados de um homem, e não haviam estranhado o cheiro, pois não se podia esperar outra coisa. A morte de Emily possibilitou a satisfação da curiosidade delas: “... the women mostly out of curiosity to see the inside of her house, which no one save an old man-servant – a combined gardener and cook – had seen in at least ten years.” (p. 128-129);

“Just as if a man – any man – could keep a kitchen properly, the ladies said; so they were not surprised when the smell developed.” (p. 131); “The Negro met the first of the ladies at the front door and let them in, with their hushed, sibilant voices and their quick, curious glances...” (p. 136). Uma das vizinhas reclamou do cheiro e invocou a aplicação da lei, enquanto um homem reclamou de modo hesitante: “... send her word to stop it, the woman said. Isn’t there a law? (...) The next day he received two more complains, one from a man who came in diffident deprecation.” (p. 131). Tendo notícia da morte do pai de Emily, as senhoras foram à casa dela, não por pesar, mas cumprindo uma convenção: “The day after his death, all the ladies prepared to call at the house and offer condolence and aid, as is our custom.” (p. 132). Comentando o relacionamento de Emily e Homer, as senhoras demonstraram desdém por Emily, que pertencia a uma família tradicional, aristocrática: “... the ladies all said, ‘Of course a Grierson would not think seriously of a Northener, a day laborer.’” (p. 133). Foram também as senhoras que desaprovaram o comportamento altivo e liberal de Emily, que passeava com Homer à vista de todos; elas acabaram forçando o ministro religioso a tomar uma atitude: “Then some of the ladies began to say that it was a disgrace to the town and a bad example to the young people. *The men did not want to interfere*, but at last the ladies forced the Baptist minister (...) to call upon her.” (p. 134). Uma mulher, a esposa do ministro, foi quem tomou a iniciativa de chamar os parentes de Emily: “... the minister’s wife wrote to Miss Emily’s relations in Alabama.” (p. 135). O curto período em que Emily desfrutou da companhia de Homer, em que talvez tenha se sentido mulher e feliz, foi justamente o que causou maior desgosto às mulheres da cidade, provavelmente frustradas em sua feminilidade por conta de convenções e preconceitos, do lugar de submissão que elas próprias ocupavam. Quando imaginaram que Emily se casara com Homer, todos, não apenas as mulheres, sentiram-se satisfeitos por vê-la macular sua casta: “...and we said, ‘They are married.’ We were really glad. We were glad because the two female cousins were even more Grierson than Miss Emily had ever been.” (p. 135). O conto traz ainda um aspecto da educação mecânica das meninas, para a religião e as prendas do lar, com uma referência ao conteúdo das revistas femininas: “She fitted up a studio (...) where the daughters and granddaughters of Colonel Sartoris’ contemporaries were sent to her with the same regularity and in the same spirit that they were sent to church on Sundays with a twenty-five-cent piece for the collection plate (...) and the painting pupils grew up and fell away and did not send their

children to her with boxes of color and tedious brushes and pictures cut from the ladies' magazines." (p. 136).

* * *

Enquanto na obra de Faulkner a protagonista Emily Grierson lida com a morte de um modo bastante particular, na obra de Marsh a morte desestabiliza os homens e revela fragilidades: Gerald O'Hara, pai de Scarlett, perde o senso da realidade após a morte da esposa, Elen. Até o fim de sua vida, ele insiste em se referir a ela como se ainda estivesse viva. Rhett Butler perde a razão diante da morte da filha, Bonnie, recusando-se a deixar que a enterrem. Passada essa crise, na qual a interferência de Melanie é decisiva, e após a morte de Melanie, que abre caminho para uma aproximação entre Scarlett e Ashley, decide abandonar Scarlett: "Quando ela [Bonnie] se foi levou tudo consigo." (p. 796). Enquanto Melanie agoniza, Ashley reconhece sua fraqueza: "Se me mostrei forte algum dia, é porque a sentia a apoiar-me (...) E... e... toda a energia que eu tinha vai-se com ela." (p. 783). Da mesma forma que fraquezas podem estar ocultas sob uma máscara de força, em homens ou em mulheres, a aparente fragilidade feminina pode muitas vezes ocultar uma vontade e uma determinação inquebrantáveis. Assim é Scarlett O'Hara, que passaremos a analisar.

Na abertura do romance de Margaret Mitchell, o narrador informa: "Scarlett O'Hara não era bela; os homens, porém, só o notavam quando já subjugados pelo seu encanto..." (p. 7). Se não dispunha de uma beleza especial, quais seriam as 'armas' utilizadas pela moça para encantar os rapazes? Débora Diersmann afirma que "a autora, sutilmente, coloca Scarlett na posição de mulher fatal: má, encantadora, sedutora, envolvente(...) Scarlett preestabelece suas vontades e maquina de tal forma que obtém o esperado." (Cf. ref.). Na trajetória da personagem, é fato que ela não abdica da própria vontade e consegue o que quer, exceto Ashley, e não por acaso. Interessa-nos refazer esse percurso, revelador do seu modo de operação: perspicaz, Scarlett compreende a organização da sociedade, os rígidos papéis que cabem a homens e mulheres, com desvantagem para elas, e usa essa compreensão em seu benefício, não se dispondo à submissão. Essa compreensão é útil no jogo de sedução que estabelece com os rapazes, distração frívola da mocinha, como será útil mais tarde, quando terá de enfrentar o rastro de ruína deixado pela Guerra Civil.

Scarlett é a principal, mas não a única figura feminina de destaque no romance de Margaret Mitchell. Melanie Hamilton, Elen O'Hara, a senhora Tarleton e a negra Mammy, entre outras, possibilitam uma descrição detalhada do papel desempenhado pelas mulheres

naquela sociedade. Faremos breves comentários sobre as duas primeiras. Melanie Hamilton, posteriormente senhora Ashley Wilkes, é fisicamente frágil, maternal, doce, generosa, sensível, culta: “Pequenina e frágil, parecia uma criança (...) um rostinho delicado e meigo, sem beleza e sem artifício feminino que a favorecesse. Melanie mostrava o que realmente era: simples como a própria terra; boa como o pão; transparente como a água da fonte.” (p. 85). Ashley, também culto e sensível, explica a Scarlett por que enxerga nela a esposa ideal, entendendo que as afinidades sustentam o casamento: “Não basta o amor para trazer a felicidade a um matrimônio, quando entre os dois se encontram antagonismos como entre nós (...) Odiaria todos os livros que eu leio e a música que eu amo porque me afastariam de você, ainda que por poucos momentos (...) Que palavras hei de empregar para fazer com que você compreenda que só pode haver harmonia e paz num casamento quando há afinidades entre os dois?” (p. 97). Melanie representa a esposa feliz e dedicada ao lar, incapaz de erguer a voz, e no entanto é o sustentáculo de Ashley, a quem falta senso prático. Também é ela que surpreende Scarlett ao mentir e ajudá-la a se livrar do corpo de um ianque salteador, morto por Scarlett, e ao recebê-la fraternalmente, ignorando os comentários sobre um suposto romance entre o marido e a amiga.

Outra figura feminina notável é Elen O’Hara, a mãe de Scarlett, que não se casou com Gerald por afinidade. Ela era culta e refinada, enquanto Gerald era um rude irlandês que fugira para a América após ter assassinado um homem e ganhara uma grande propriedade num jogo de cartas, a qual denominou Tara; era nada mais que um arrivista estrangeiro. Elen tinha quinze anos quando soube que o primo Felipe, que amava, fora morto numa briga, e decidiu aceitar a proposta de casamento de Gerald, vinte e oito anos mais velho do que ela. O pai de Elen concordou porque ela ameaçou ir para um convento, e ele era presbiteriano. Assim Elen tornou-se a senhora O’Hara, e manteve sempre a dignidade e a resignação, dirigindo a casa com energia, enquanto Gerald acreditava que a ordem era imposta pelo seu vozeirão: “Se alguma vez Elen teve ensejo de arrepender-se da resolução tomada a súbitas, ninguém o suspeitou sequer, e menos ainda Gerald, que sentia crescer-lhe o orgulho sempre que a fitava.” (p. 49); “Sob a aparência colérica, Gerald O’Hara possuía o mais terno dos corações (...) Ignorava que bastava conversar cinco minutos com qualquer um, para patentear-lhe a bondade do seu coração. Sua vaidade sofreria um rude choque se desconfiasse disso, pois adorava a idéia de que, quando berrava as ordens em voz tonitruante, todos ouviam e obedeciam. Nunca lhe ocorrera que a única voz obedecida na plantação era a voz melíflua de

Elen. Segredo esse que não descobriria jamais, porque todos, desde Elen até o peão mais rude, conspiravam tacitamente, para deixá-lo na doce ilusão de que sua palavra era a lei.” (p. 29). Elen tipifica a mulher, esposa e mãe, que abdica da felicidade, resigna-se, aceita o ordenamento do mundo segundo a lógica masculina, sem reagir: “A vida de Elen não era nem fácil, nem agradável, porém ela jamais esperara que a vida fosse fácil. E sabia que a felicidade não era o lote reservado à mulher, na vida. O mundo fora feito para os homens e como tal o aceitava. O homem possuía a propriedade, a mulher a dirigia. Se o homem crescia de importância, a mulher louvava a sua inteligência (...) Elen recebera a educação tradicionalmente fina das grandes damas, o que a preparara para suportar a sua carga com elegância e dignidade. Resolvera que suas três filhas seguiriam a sua orientação e seriam também damas finíssimas. Com as duas mais moças, conseguiu o que desejava (...) Scarlett, em tudo semelhante ao pai, achava a estrada espinhosa.” (p. 51-52). Scarlett apenas preferia trilhar seu próprio caminho.

* * *

Scarlett O’Hara era a mais velha das três filhas de Elen e Gerald (sobreviventes de um total de seis); era mimada, caprichosa, voluntariosa. Sob o verniz do recato imposto pela educação, havia uma personalidade indomável: “Mas, a despeito da modéstia das saias esticadas, da afetada gravidade com que os cabelos, alisados, estavam seguros no chignon e da quietude das pequeninas mãos brancas, cruzadas sobre o colo, sua verdadeira personalidade se traía. Aqueles olhos verdes, a despeito da meiguice que o rosto aparentava, eram travessos, voluntariosos e petulantes. Em completo desacordo com a atitude ingênua. Suas recatadas atitudes lhe haviam sido impostas pelas suaves repreensões maternas e a severa disciplina a que sua mãe preta a submetia; seus olhos, porém, lhe pertenciam. Eram só seus.” (p. 7). Chegando à idade dos namoros, sua única preocupação era ser o centro das atenções dos rapazes: “... nesse dia, Scarlett se resolvera a impressioná-los. Visceralmente incapaz de suportar que um rapaz se apaixonasse por alguém que não fosse ela, a vista do namoro de India Wilkes e Stuart, na reunião, havia exasperado a sua natureza de ave de rapina. Não contente em seduzir Stuart aproveitou o ensejo para fascinar também a Brent, de tal modo que ambos se sentiram desnorteados.” (p. 16). Calculadamente, aproveitava todas as oportunidades para se fazer irresistível; era perspicaz o bastante para perceber que bastavam aparências, e se tornou perita na arte de dissimular: “Porém sorria ao falar, acentuando propositadamente as covinhas do rosto e batendo as pálpebras de pestanas negras e arqueadas,

como asas frementes de borboleta. Os rapazes enfeitados, como pretendia que ficassem, apressaram-se em pedir desculpas de havê-la aborrecido.” (p. 9); “Ela sabia intuitivamente como sorrir para que as covinhas do rosto se acentuassem; como pisar, para que as saias, rodadíssimas, ondulassem provocantemente; como fixar um homem, bem nos olhos e baixar os seus, batendo as pálpebras rapidamente, dando a impressão de palpitem, frementes duma suave emoção. Mais que tudo, aprendeu a dissimular aos homens a agudeza da sua inteligência, sob uma face meiga e infantil (...) As duas porfiavam em ensinar-lhe todos os requisitos exigidos duma moça de fina educação, porém ela só assimilava as demonstrações externas da feminilidade. A graça interior, donde deviam originar-se, não só não a aprendeu, como nunca viu motivo algum para cultivá-la. Bastavam-lhe as aparências, uma vez que as aparências de grande dama lhe davam a popularidade, tudo quanto almejava.” (p. 52). Sentia prazer em tripudiar dos rapazes que ficavam a seus pés: “De costume ela os obrigava a pedir e a suplicar, sem lhes conceder um ‘sim’ ou um ‘não’. Rindo-se de ambos, quando demonstravam mau humor. Mostrando-se fria, se se zangavam.” (p. 13). Em abril de 1861, às vésperas do estouro da guerra, aos dezesseis anos, sua única preocupação era deixar fascinados todos os rapazes, embora estivesse apaixonada por Ashley Wilkes, filho do fazendeiro vizinho. A notícia de que o rapaz iria ficar noivo da prima, Melanie Hamilton, pareceu-lhe a princípio uma brincadeira, tão convicta estava de que era a ela que ele amava, de que Melanie não tinha atrativos: “Oh, não podia ser verdade! (...) Ashley, não era possível, positivamente não podia amá-la. Ninguém podia enamorar-se de uma coisinha insignificante, como Melanie (...) A ela, Scarlett, ele amava – não tinha a menor dúvida.” (p. 22). Foi por intermédio do pai que ela soube que a notícia era verdadeira; nessa conversa, Gerald lhe falou sobre homens e casamento, ressaltando a importância da afinidade, o mesmo argumento que ela ouviria posteriormente de Ashley: “O casamento só traz felicidade quando existem afinidades.” (p. 32); “Então você não conhece absolutamente os homens! Deixe Ashley em paz. Não há mulher que tenha mudado um homem na mínima coisa; nunca se esqueça disso.” (p.33); “Agora, mocinha, nada de fazer beicinhos! Case com quem quiser, desde que seja alguém que pense como você, seja um cavalheiro, e um Sulista orgulhoso. Para a mulher, é depois do casamento que o amor vem.” (p. 34). À idéia de as mulheres se casarem primeiro e depois vir o amor, Scarlett retrucou: “Oh, Pa, isto é uma noção passadista, da sua terra!” (p. 34). Essa fala sinaliza como a jovem não estaria disposta a se submeter a convenções e a um papel predeterminado, contrariando sua vontade e seus sentimentos.

Esse é apenas o começo da trajetória de Scarlett O'Hara. No dia seguinte ao da conversa com o pai, haveria um churrasco e um baile na fazenda de Ashley, durante o qual o noivado do rapaz com Melanie seria anunciado. Nesse evento, estando decidida a declarar-se a Ashley e a fugir com ele (comportamento nada convencional, absolutamente impróprio a uma moça de família), Scarlett planejadamente lançou mão de todo o verniz de feminilidade que aticava os rapazes para provocar a atenção de Ashley. Sem obter resultado, declarou-se, mas foi repelida. Rhett Butler, um homem de reputação duvidosa, involuntariamente ouvira a conversa. Porque era como ela, Rhett compreendeu Scarlett imediatamente; ele a enxergou por baixo do verniz, sob a máscara social que era forçada a usar e da qual aprendera a tirar proveito. Rhett amou Scarlett desde então. Nessa mesma tarde, a guerra estourou e os acontecimentos se precipitaram. Ashley e Melanie decidiram se casar antes que ele fosse se juntar aos soldados. Num impulso de orgulho ferido, Scarlett aceitou casar-se com o irmão de Melanie, Charles, que estava de namoro com Dulce, irmã de Ashley. Os homens partiram para a guerra e Charles morreu pouco tempo depois. Em Atlanta, Scarlett viu de perto os horrores da guerra: centenas de feridos, amputações realizadas a sangue frio, agonias, mortes. De volta a Tara, viu o rastro de destruição deixado por ela. A propriedade tinha sido saqueada, a mãe estava morta e o pai alucinado. Scarlett assumiu a responsabilidade de recuperar a fazenda, e obrigou as irmãs ao trabalho no campo, como ela mesma passou a fazer. Pouco tempo depois, o pai morreu numa queda de cavalo. Sem dinheiro para pagar os impostos, Scarlett enganou e seduziu Kennedy, pretendente de sua irmã, que tinha estabelecido um comércio de madeira em Atlanta, e casou-se com ele. Logo passou a dirigir o negócio do marido e empregou Ashley. Quando ficou viúva pela segunda vez, recebeu proposta de casamento de Rhett, que lhe acenou com viagens, uma vida de diversões. Casou-se e teve uma filha, Bonnie, mas continuava com a idéia fixa em Ashley. Disse a Rhett que não queria outros filhos e que passariam a dormir separados. Uma noite, embriagado, Rhett a carregou para o quarto. Na manhã seguinte ela tinha um sorriso de satisfação que ele sequer percebeu quando lhe comunicou que iria embora e levaria Bonnie, reconhecendo que aquele casamento tinha sido um erro. Em Londres, Bonnie teve pesadelos e pediu pela mãe. O reencontro de Scarlett e Rhett foi marcado por uma discussão horrível, acusações mútuas e a notícia de que aquela noite tinha resultado numa gravidez. Em meio à discussão, Scarlett rolou pela escada, acidente que levou à perda do bebê. Rhett acompanhou a recuperação de Scarlett, culpado e aflito; ela ainda estava convalescendo quando Bonnie, que o pai orgulhoso ensinara a montar,

sofreu uma queda e morreu. Como se essa perda não fosse suficiente para decretar o fim da linha para Rhett, Melanie, que enfrentava uma gravidez de risco, também morreu. Só então Scarlett entendeu que Ashley amava a esposa, e que ela estivera presa a uma fantasia. Ela o quisera por capricho, porque ele não caíra a seus pés como todos os outros rapazes. Só então entendeu que amava Rhett, e correu para lhe dizer, mas o encontrou de partida e não conseguiu fazê-lo reconsiderar a decisão. Scarlett se recordou de Tara, sua casa, para onde iria e onde conseguiria pensar com clareza e encontrar um meio de trazê-lo de volta.

* * *

A trajetória de Scarlett, que resumimos, compreende um período de doze anos. Nós a encontramos aos dezesseis anos, mimada, egocêntrica, e a vemos atravessar uma guerra, enfrentar a ruína e a miséria, casar-se sem amor três vezes, recuperar o que parecia perdido e ainda multiplicar a riqueza, perder filhos, ver morrerem os pais, debater-se no sofrimento de um amor frustrado, encontrar e não reconhecer um amor maduro, finalmente reconhecê-lo e dispor-se a recuperá-lo. Nesse percurso, chama-nos a atenção a forma como Scarlett busca o domínio do próprio destino. Desde juvenzinha, procurava dominar os rapazes, compreendendo o jogo social e manipulando suas regras: “Mas Scarlett resolvera casar – e com Ashley – e, até conseguir o que pretendia, estava resolvida a mostrar-se dócil, fútil e leviana, se eram esses os predicados que atraíam os homens. Todavia, não compreendia por que razão eles as queriam assim! Sabia apenas que eram os meios eficazes de dominá-los (...) Sabia apenas que, se agisse de acordo com determinadas regras, os homens, inevitavelmente, responderiam com tais e tais outras, complementares, e infalíveis. Verdadeira fórmula matemática (...) sendo justa, leal, terna e generosa, perderia, não só todas as alegrias da vida, como a maior parte dos namorados.” (p. 53-54). Scarlett coloca a máscara da feminilidade porque percebe que é o único papel permitido às mulheres, sem que percam o respeito da sociedade; muito sagaz, entende o funcionamento do jogo social e o quanto há de hipocrisia nele: não é preciso ser, basta parecer. Então dissimula sua verdadeira natureza e entra no jogo; sabe que o padrão imposto às mulheres é de submissão e implica a privação dos prazeres da vida, então esconde sob o verniz da feminilidade os valores ‘masculinos’ que prefere e adota: coragem, força, determinação, autoconfiança, astúcia, cálculo, dominação.

Até onde consegue, não abdica da sua liberdade de escolha. Apesar de calculista, toma algumas decisões por impulso e sofre suas conseqüências, como a de se casar com Charles, apenas para magoar Ashley, por orgulho ferido. Quando se encontra casada, percebe a

insensatez que cometeu e se arrepende, mas naquele contexto já não há volta. Nas duas primeiras noites, recusa-se terminantemente a consumir a união, mas acaba por submeter-se, não à pessoa de Charles, que era um fraco e definitivamente não a compreenderia, mas ao lugar que ocupava, o de marido, com seus direitos legitimamente constituídos. Charles morreu ser ter conhecido o filho nascido dessa união.¹⁷ Em relação à maternidade, Scarlett não parece tocada por ela. Não aceita o papel de mãe abnegada que coloca a família em primeiro lugar e esquece de si mesma, põe sempre seus próprios interesses no primeiro plano de sua vida e faz tudo o que pode para concretizar seus objetivos. Quando fica viúva, veste-se de preto a contragosto, sabendo que precisa conservar a reputação para ser respeitada. Não está de luto, mas precisa manter as aparências. Na primeira oportunidade, entrega-se à dança e desfaz-se de sua aliança de casamento, com a desculpa de estar contribuindo com a causa dos Confederados. Assim, esconde atrás de um gesto nobre uma motivação inconfessável. As mulheres mais rígidas, mais aferradas àquele roteiro do qual não podem se desviar, olham Scarlett com desconfiança e desaprovam suas atitudes.

De volta a Tara, que está arruinada pela guerra, Scarlett assume a direção da família e da propriedade. A mãe, que exercia a autoridade de fato, está morta. O pai, sobre quem a autoridade repousava por direito, nunca tinha sabido exercê-la, e nem poderia fazê-lo agora, tendo perdido o contato com a realidade. Para conservar a propriedade, Scarlett precisa de dinheiro, e não hesita em colocar em prática as estratégias de sedução tão conhecidas com as quais submetia os homens anos antes. Artificiosamente feminina, procura Rhett, que percebe seu ardil. Prisioneiro de guerra, ele não pode dispor de seus bens para ajudá-la, mas espera que ela aceite uma proposta infame antes de informá-la disso. Ele quer testá-la, saber até onde é capaz de chegar para conquistar seus interesses, e percebe que são realmente iguais: ela se entregaria a ele pelo dinheiro, mesmo sabendo que não se casaria com ela; não está disposta a ser uma dama, nunca esteve, e menos agora que sua propriedade está ameaçada. Para Scarlett, os fins justificam os meios; se manter as aparências é o bastante para satisfazer a sociedade, ela não fará qualquer sacrifício além deste.

Deixando a prisão onde visitara Rhett, encontra Frank Kennedy, bem mais velho do que ela, pretendente de sua irmã, e fica sabendo que ele está estabelecendo um negócio próspero. Não hesita em mentir, dizendo que sua irmã ficara noiva de outro, seduz Kennedy e casa-se

¹⁷ A versão filmada suprimiu da história de Scarlett o nascimento desse filho, bem como da filha que

com ele, o que garante o dinheiro necessário para manter a propriedade de Tara. Não se sensibiliza com o sofrimento da irmã traída, põe sempre seus objetivos antes e acima de tudo. Dominadora, passa a dirigir o negócio do marido com mão forte e amor do lucro. As senhoras conservadoras reprovam suas atitudes, comentam assombradas que ela até “dirige a própria charrete”. Definitivamente, Scarlett recusa o roteiro prévio imposto às mulheres e traça seu próprio roteiro.

Mais uma vez viúva, recebe proposta de casamento de Rhett, que lhe acena com uma vida de luxo e divertimentos. Quando ele lhe propõe casar por prazer, ela, conscientemente, retruca: “Não há o menor prazer em ser casada (...) Para os homens pode haver prazer... só Deus sabe por que. Cá por mim, nunca pude compreender. Mas para as mulheres, o mais que ganham com isso é a certeza de terem o que comer e um aumento de trabalho, de suportarem as exigências tolas dos homens... e terem um filho por ano.” (p. 645). Scarlett demonstra conhecimento exato do lugar da mulher na sociedade, no casamento, da desvantagem em relação ao homem. Casara-se com Charles por despeito e com Frank por dinheiro. Rhett acena com prazeres, mas consegue convencê-la beijando-a apaixonadamente. O casamento com Rhett tinha suas conveniências, mas o fato é que ele tocara sua feminilidade essencial.

Não descuidando da reputação, que para eles só importava à medida que lhes garantia a respeitabilidade necessária, Rhett e Scarlett se casam após o período regulamentar de luto. Quando o casamento fracassa e Rhett chega a falar em divórcio, Scarlett reage negativamente. Estavam de fato divorciados, mas admitir isso socialmente seria colocar a perder a reputação, a tanto custo construída e mantida até então. Após as mortes de Bonnie e Melanie, Rhett julga que Scarlett não se importará com a reputação diante da possibilidade de se unir a Ashley, está decidido a ir embora e propõe novamente o divórcio. Ela recusa, porque acaba de descobrir que o ama, mas ele não crê que esteja sendo sincera. Sempre tão dissimulada, movendo-se calculadamente no jogo social de acordo com os seus interesses, não devia estar sendo diferente agora: “Se bem compreendi, não quer o divórcio nem mesmo a separação? Está bem. Eu virei então aqui o bastante para fazer calar as más línguas.” (p. 798). Rhett vai embora. Scarlett não se rende, senhora de si, acredita que encontrará um meio de trazê-lo de volta.

Entendemos que Scarlett O'Hara representa muito bem a mulher que tem plena consciência do papel social a ela destinado e que resiste a se submeter a ele, em favor de seus próprios interesses e inclinações, de sua individualidade. Sua trajetória revela avanços e recuos; mesmo para protestar contra um estado de coisas, é preciso ocupar um lugar naquela ordem, de onde se fazer ouvir. Scarlett não aceita a submissão mas também não se marginaliza, mantendo, assim, seu discurso valorizado. Em *A rose for Emily*, um membro da comunidade de Jefferson é porta-voz do tributo a uma mulher vitimada pela ordem constituída, que desperta piedade. Em *Gone with the wind*, Scarlett O'Hara é porta-voz de si mesma e de todos os que acreditam, esperam e se esforçam pelo estabelecimento de uma nova ordem.

IV. Conclusão

Entendemos que, cada uma a seu modo, Scarlett O'Hara e Emily Grierson transitam num mundo organizado pelo pensamento masculino, partindo da compreensão de seu funcionamento e a partir daí posicionando-se em relação a ele. Scarlett se apega à razão e ao senso prático; Emily abdica da razão e da realidade. Scarlett rejeita o papel imposto às mulheres ao enfrentar a miséria e tornar-se empresária; Emily se abriga sob a figura do pai morto e torna-se autoritária como ele fora, mas essa autoridade não lhe assenta bem, é artificial, repousa unicamente no nome que carrega. Scarlett abre-se para o mundo em mutação; Emily rejeita o novo mundo e se retrai. Scarlett empenha-se em conservar e reconstruir sua casa, símbolo da opulência de outrora; Emily abandona a sua à ruína, à sombra e ao pó. Já tem sido dito que a casa é uma figura da própria Emily, representando sua juventude e decadência. A década de 1870, em que a casa fora branca, enfeitada e iluminada, erguendo-se orgulhosa na rua mais seleta da cidade, corresponde justamente aos anos de juventude de Emily, a potencial esposa mais seleta da cidade; a ruína, o pó e as sombras que dominam a construção refletem o abatimento da moradora, casa e Emily altivas, mas arruinadas, deslocadas num mundo em transformação: "...only Miss Emily's house was left, lifting its stubborn and coquettish decay above the cotton wagons and the gasoline pumps – an eyesore among eyesores." (p. 129); "She carried her head high enough – even when we believed that she was fallen. It was as if she demanded more than ever the recognition of her dignity as the last Grierson; as if it had wanted that touch of earthiness to reaffirm her

imperviousness.” (p. 133). Parece-nos que a imagem pode ser aplicada a Tara e Scarlett do mesmo modo: apogeu, ruína e restauração; Scarlett não desiste de Tara como não desiste de si mesma, resiste e se impõe. Scarlett casa-se três vezes, por impulso ou por interesse, enquanto acredita no amor de Ashley, para afinal perceber que se enredara numa fantasia e, como é de sua natureza, restabelecer a realidade, dispondo-se a reconquistar Rhett. Emily, ao contrário, parece renunciar à realidade, entregando-se à fantasia de um casamento, como se não pudesse existir fora dele.

O fato de Emily ter assassinado o pretendente parece-nos um recurso para conservá-lo junto a si, submetê-lo, dominá-lo. Uma saída irracional para uma situação que seria inversa: como esposa, estaria ela submetida ao marido como estivera ao pai; inconscientemente ela pode ter associado a figura de Homer Barron ao pai, matando-o como se estivesse matando o próprio pai ou pelo menos reafirmando sua morte, atendendo a um desejo íntimo de libertação. Mas no mundo não há espaço para essa liberdade. Destituída de bens materiais e de uma figura masculina dominante, pai ou marido, não encontra lugar na sociedade. Fecha a casa, fecha-se em casa e fecha-se para o mundo, cultuando um cadáver que pode representar tanto o passado de esperanças vãs como o futuro vazio de esperanças. Assim Emily envelhece e morre. Questionado a respeito dessa personagem, Faulkner afirmou ter piedade dela, de sua tragédia. E é piedade mesmo o que inspira. Personagem trágica, não pôde escapar a seu destino, não lhe foi dada possibilidade de escolha. Qualquer que tenha sido a significação pensada pelo autor para a história de Emily, ele se mostrou sensível à condição da mulher na sociedade, lançando um olhar masculino sobre a tragédia feminina, sobre esse destino irrevogável.

Scarlett, produto de uma mente feminina, feminista ao que nos parece, não inspira piedade, não é trágica, não se submete a um destino inescapável. Nos momentos mais críticos, é ainda mais altiva e forte. Conhece o solo minado em que pisa, faz concessões até, mas nunca desiste de obter o controle de sua vida, de tomar suas próprias decisões. Ao contrário de Emily, que se apega ao passado, a “monumentos decaídos”, Scarlett tem sempre um olhar de esperança para o futuro e uma convicção íntima de que conseguirá o que quer. E o que quer, afinal de contas, o que quis desde o começo? Afirmar sua identidade feminina, ser pessoa-sujeito, amar e ser amada. Judith Fetterley¹⁸ afirmou que *The birth-mark*, de Nathaniel

¹⁸ Texto não localizado, por isso não citado literalmente nem constante das referências.

Hawthorne, é a história de como o marido assassina a esposa e se livra dela, enquanto *A rose for Emily* é a história de como a mulher mata o pretendente e se livra dele. Então nenhuma dessas histórias apresenta uma saída satisfatória e é preciso pensar em outra equação que não seja a de oprimido versus opressor, qualquer que seja o lado prejudicado pelo desequilíbrio da balança. A história de Scarlett talvez aponte essa direção alternativa. Seguindo a linha de raciocínio de Fetterley, acrescentaríamos que Scarlett ensina que é possível “trazer o marido de volta” (e conservá-lo, certamente), sem que seja preciso renunciar à própria identidade e individualidade, aos desejos e opiniões, sem sujeição, pelo estabelecimento de uma relação equilibrada. A história de Scarlett termina com um aceno de esperança. Em 1991, Alexandra Ripley escreveu o romance *Scarlett*, uma seqüência autorizada da história de Margaret Mitchell, também filmada. Qualquer que tenha sido o destino dado à personagem, que desconhecemos, preferimos ficar com a imagem final de Scarlett deixada por sua criadora, de uma mulher que tem seu ânimo, sua força e sua esperança sempre renovados, que acredita na sua capacidade de superação, mesmo enfrentando ventos desfavoráveis.

* * *

Referências

A ROSE FOR EMILY. Disponível em:

<www.mcsr.olemiss.edu/~egjbp/faulkner/faulkner.html> Acesso em: 22/02/2006.

(informações sobre a obra)

BÍBLIA SAGRADA. 45. ed. Revista por Frei João José Pedreira de Castro, O. F. M. São Paulo: Ave Maria, 1984.

BIOGRAPHY FOR MARGARET MITCHELL (I). Disponível em: <www.imdb.com/title/tt0031381>. Acesso em: 22 fev. 2006.

BRASIL, Assis. William Faulkner. In: _____. *Joyce e Faulkner, o romance da vanguarda*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 111-235.

CÁCERES, Florival. A Guerra Civil Americana. In: _____. *História da América*. São Paulo: Moderna, 1980, unidade III, cap. 3, p. 107-118.

CAMARGO, Marisis Aranha. *Basic guide to American literature*. São Paulo: Pioneira, 1986.

CARVALHO, Delgado de. *Súmulas de História Ginásial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

COWLEY, Malcolm; HUGO, Howard E. *The Sound and the Fury* (1929). In: _____. *The Lesson of the Masters*. New York: Charles Scribner's Sons, © 1971, p. 456-490.

DEZ MANDAMENTOS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dez_mandamentos>. Acesso em: 06 abr. 2006.

DIERSMANN, Débora. A mulher e a terra em *O tempo e o vento* e *E o vento levou*. Disponível em: <www.unoescjba.edu.br/setores/pet_letras>. Acesso em: 22 fev. 2006.

E O VENTO LEVOU. Disponível em: <adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/vento-levou/vento-levou.htm#Críticas>. Acesso em: 20 mar. 2006. (curiosidades)

FAULKNER, William. A rose for Emily. (fonte não identificada)

_____. Uma rosa para Emily. In: *Maravilhas do Conto Norte-Americano*. Diaulas Riedel (Org.). São Paulo: Cultrix, 1957, p. 209-219.

FEMINIST PERSPECTIVES ON LITERATURE. Disponível em: <www.wwnorton.com/nrl/english/Lit8/theCourse/Concepts/Files/Feminist.html>. Acesso em: 30 mar. 2006.

GUERRA CIVIL AMERICANA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_da_Secess%C3%A3o>. Acesso em: 30 mar. 2006.

HENDERSON, Greig E.; BROWN, Christopher. Feminist criticism. In: _____. *Glossary of literary theory*. Disponível em: <www.library.utoronto.ca/utel/glossary/feminist_criticism.html>. Acesso em: 30 mar. 2006.

HIGH, Peter B. *An Outline of American Literature*. New York: Longman, 2006 (Twenty sixth impression).

JELLIFFE, Robert (Editor). William Faulkner speaks on “A rose for Emily” in 1955. In: *Faulkner at Nagano*. Tokyo: Kenkyusha Ltd., 1956, p. 70-71. Disponível em: <www.wwnorton.com/litweb/workshops/fiction/faulkner5.asp>. Acesso em: 30 mar. 2006.

MARGARET MITCHELL. Disponível em: <allaboutall.info/article/Margaret%20Mitchell>. Acesso em: 20 mar. 2006.

MARSH, Margaret Mitchell. *E o vento levou*. Tradução de Francisca de Basto Cordeiro. 5. ed. São Paulo: Hemus, 1986.

NYE, Andrea. A Análise do Patriarcado. In: _____. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995, cap. 5, p. 142-203.

SWAKSIN. A Rose for Emily. Disponível em: <www.planetpapers.com/Assets/3219.php>. Acesso em: 30 mar. 2006. (ensaio)

THE STORY BEHIND GONE WITH THE WIND. Disponível em: <www.gwtw.org/gonewiththewind.html>. Acesso em: 28 mar. 2006.

WILLIAM FAULKNER. Disponível em: <www.vidaslusofonas.pt/william_faulkner.htm>. Acesso em: 27 mar. 2006.

WILLIAM FAULKNER. Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/artigos/WILLIAM_FAULKNER.htm>. Acesso em: 22 fev. 2006.

Filmografia

GONE WITH THE WIND. © 1939 Selznick International Pictures. Renovado © 1967 Metro-Goldwyn-Mayer, Inc. Versão especial dos 50 anos. Distribuição exclusiva no Brasil: Video Arte do Brasil. Duração aproximada: 230 minutos.

TIPOS DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA COM BEBÊS: UMA CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO PSICANALÍTICA ESCRITA BRASILEIRA

Paulo José da Costa¹⁹
Grazieli Rosa²⁰
Rosinei Aparecida Ferreira²¹

Resumo: O presente artigo teve como objetivo realizar uma caracterização da produção psicanalítica escrita acerca dos trabalhos de intervenção com crianças de 0 a 2 anos, através da revisão sintética das modalidades identificadas e da categorização dos diferentes tipos de produção escrita, seus respectivos delineamentos, bem como determinar as influências teóricas predominantes a partir da análise das referências contidas nos trabalhos consultados, estabelecendo elementos que permitissem verificar de que modo acontecem as possíveis contribuições da comunidade psicanalítica brasileira em relação ao tema. O material selecionado constituiu-se de artigos de periódicos, capítulos de livro e trabalhos publicados em anais, num total de 49 produções examinadas. Destaca-se ainda a importância de novos estudos para o avanço do conhecimento nessa área.

Palavras-chave: intervenção precoce, intervenção psicológica com bebês, clínica de bebês, produção psicanalítica escrita, psicanálise.

Abstract: The present article had as objective to accomplish a characterization of the Brazilian written psychoanalytic production concerning the work of intervention with children 0-2 years through the short review of methods identified and the categorization of the different types of writing and producing their designs and to determine predominant theoretical influences from the analysis of the references contained in the studies reviewed, establishing evidence establishing how they make the possible contributions of the psychoanalytic community in relation to the Brazilian theme. The selected material was constituted of articles from newspapers, book chapters and works published in annals, in a total of 49 examined productions. It is also highlighted the importance of new studies for the advancement of knowledge in this area.

Key-words: early intervention, psychological intervention with infants, clinic babies, written psychoanalytic production, psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

Desde Sigmund Freud foram muitos os autores psicanalíticos que contribuíram para a compreensão da importância das primeiras relações do bebê e seu desenvolvimento. Contudo, embora a psicanálise desde o seu início tenha investigado os aspectos iniciais do psiquismo

¹⁹ Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Rua Campos Sales, 255 – ap. 102. Fone: (44) 30317007. CEP 87.020-080 – Maringá-PR.

E-mail: picosta@uem.br

²⁰ Psicóloga, Especialista em Saúde Mental e Intervenção Psicológica pelo Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

²¹ Psicóloga, ex-aluna do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

humano e seus desenvolvimentos posteriores consolidaram o atendimento clínico de crianças muito pequenas, ainda são muito novas as idéias ligadas aos contextos clínicos com bebês ou de intervenção psicanaliticamente orientada em contextos não-clínicos com essa população relacionada aos primeiro e segundo anos de vida, particularmente em nosso país.

Entendemos contextos clínicos como aqueles em que estão presentes, em sentido estrito, as características peculiares do *setting* psicanalítico ou psicoterapêutico. Os contextos não-clínicos seriam todos aqueles em que a postura interventiva do profissional não se configura em torno do objetivo de fazer análise propriamente ou psicoterapia psicanalítica, tais como centros de educação infantil, pré-escolas, unidades pediátricas, berçários, etc.

Considerando ambos os contextos, é possível observar na literatura propostas de trabalhos, que vão desde a psicanálise propriamente dita aplicada nos primeiros anos de vida da criança e o desenvolvimento de outros modelos psicoterapêuticos de inspiração psicanalítica (CRAMER, 1993; SZEJER, 1999; 2006; TRAD, 1997), até outras possibilidades de intervenção em diferentes campos que não possuem características clínicas em sentido estrito (MÉLEGA, 1990; s. d.[a]; MÉLEGA; PALMIGIANI, s. d.; NALDONY, s. d.).

Parece-nos importante e justificável estabelecer um panorama geral sobre o assunto em nossa realidade brasileira, cuja sistematização contribuiria para mais um espaço de discussão, quanto permitir o desencadeamento de questões para novas investigações nesse campo. Assim, nos propomos a investigar as possíveis intervenções orientadas para contextos clínicos e não-clínicos, que tenham o propósito de atingir os protagonistas dessa fase inicial da vida: o bebê, seus pais e/ou cuidadores.

Desse modo, o presente estudo teve como objetivo realizar uma caracterização da produção psicanalítica escrita no Brasil, acerca dos trabalhos de intervenção com crianças de 0 a 2 anos, através da revisão sintética das modalidades identificadas e da categorização dos

diferentes tipos de produção escrita e seus respectivos delineamentos, bem como determinar as influências teóricas predominantes a partir da análise das referências contidas nos trabalhos consultados, estabelecendo elementos que permitam verificar de que modo se dão as possíveis contribuições da comunidade psicanalítica brasileira em relação ao tema.

2. MÉTODO

Trata-se de um estudo de caráter exploratório, na perspectiva da pesquisa bibliográfica do tipo documental (WITTER, 1990), centrando-se a investigação no material bibliográfico brasileiro, segundo o referencial psicanalítico que, doravante, denominar-se-á material selecionado.

2.1 Material Selecionado

Foram identificadas 49 produções escritas, segundo o referencial psicanalítico, entre resumos de trabalhos publicados em anais de eventos, capítulos de livros e artigos de periódicos, que se constituíram em objeto efetivo do presente estudo, abrangendo um período de 1987 a 2002. A delimitação do material selecionado a esse período se deu em função da grande quantidade de produções encontrada em geral, levando-nos a decidir por um corte delimitador, ficando aqueles de época posterior para outro estudo.

2.2 Procedimento

Realizamos um levantamento bibliográfico sobre o tema em estudo na produção científica nacional, através de meios eletrônicos (bases de dados *on line*), a partir do qual identificamos o material que se constituiu em objeto de análise no presente trabalho,

decorrência de sua localização e acesso, destacando-se na sequência a leitura e fichamento do que foi encontrado. Com base nesses passos, numa primeira etapa elaboramos a revisão sintética acerca dos tipos de trabalhos de intervenção com crianças de 0 a 2 anos, tendo em vista que nosso propósito é a caracterização e não uma análise particular de cada modalidade encontrada. Numa segunda, desenvolvemos a categorização do material selecionado quanto ao tipo de produção bibliográfica (artigo de periódico, livro e capítulo de livro, resumo publicado em anais), quanto ao tipo de delineamento (teórico, teórico-prático, comunicação da prática e correlacional), bem como a análise das listas de referências bibliográficas nele contida. Os trabalhos considerados como teóricos continham considerações do autor sobre um determinado assunto, através da revisão ou discussão do tema; os teórico-práticos consistiam numa discussão teórica ilustrada com um ou mais estudos de caso; as comunicações da prática se referiam aos relatos de experiências desenvolvidas no campo da prática profissional; e o correlacional como aqueles que buscavam estabelecer relações entre duas ou mais variáveis, segundo o objeto estudado. Nessa segunda etapa os dados levantados receberam tratamento estatístico simples, em termos de frequências, porcentagens e média.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Revisão Sintética

Conforme descritos na literatura, elaboramos uma revisão sintética acerca dos tipos de trabalhos de intervenção com crianças de 0 a 2 anos, tendo em vista que nosso propósito é a caracterização e não uma análise particular de cada modalidade encontrada.

3.1.1 Intervenções em contextos clínicos

a) Consultas terapêuticas: consiste na observação da interação mãe-bebê e, se possível, também com outros membros da família, procurando colher toda a história de vida do bebê, o que envolve o relacionamento de seus pais com a concepção, o nascimento, o desenvolvimento e o sintoma, onde todos quantos participam falam sobre o bebê e a escuta, o olhar e a fala do profissional propiciam as condições necessárias de compreensão e acolhimento que favorecem, durante o processo apenas as sessões que forem necessárias ao propósito das consultas (SILVA, 2002). Inspira-se em Winnicott e apóia-se no instrumental oferecido pelo método de Esther Bick, sendo que no caso relatado pela autora, as consultas terapêuticas duraram quatro sessões.

b) Consultas terapêuticas conjuntas pais-filhos: semelhante à anterior tem como ponto de partida o método de observação de Esther Bick e busca avaliar situações-problemas entre pais e filhos. Privilegia o atendimento conjunto, a escuta, a observação e a continência emocional do terapeuta, de modo a “[...] manter um clima suficientemente tolerável para que a comunicação aconteça” (MÉLEGA, 2002, p. 534), advindo desse clima novas compreensões que poderão ser oferecidas ao grupo. Segundo Caron (1997), o analista faz poucas intervenções de maneira simples e sem artificialismo para permitir que pais e filhos compartilhem com ele as perturbações da relação de modo que possam surgir reflexões que melhorem a interação.

c) Psicoterapia breve: aplica-se em determinados casos e, em geral, dura no máximo seis meses, sendo que as intervenções se limitam ao campo dos conflitos da relação mãe-bebê e seus equivalentes na história de vida da mãe (EDELSTEIN, 2000). Nesse processo o bebê denuncia os conflitos por meios cinestésicos, sendo a intervenção do tipo focal objetivando tratar a crise (MALTZ, 1997).

d) Acompanhamento individual da criança desde a internação: de acordo com o relato de Marreco et al. (1987), a criança, inclusive o bebê, é acompanhada por um psicólogo em todos os espaços por ela freqüentados, desde o momento da internação até o momento da alta, avaliando-se, a partir daí, a necessidade do encaminhamento ou não para um processo psicoterapêutico. Caso isso seja identificado, a criança será atendida individualmente em sessões diárias. As crianças de menor idade, como os bebês, requerem maior cuidado no atendimento, tendo em vista a particularidade desse momento de vida (HOEFEL, 2001; VALANSI; MORSCH, 2002).

e) Análise de crianças: acontece com a presença do bebê e seus pais, tornando possível observar a intersecção dos campos desejantes entre os pais e o bebê (SIGAL, 2001).

3.1.2 Intervenções em contextos não-clínicos

a) Formação de grupos de apoio: durante o processo de internação hospitalar do bebê, tendo em vista a forte ligação afetiva da criança com sua mãe, propõe-se a formação de grupos de mães, nos quais elas possam expressar seus conflitos, sentimentos e necessidades, para que consigam lidar com suas angústias e, conseqüentemente, favorecer as condições emocionais do bebê (MARRECO et al., 1987).

b) Atendimento ao bebê pré-termo: a situação de prematuridade é dramática, tanto para o bebê quanto para seus pais, bem como para a equipe de cuidadores, necessitando que as vivências mobilizadas por essa condição sejam acolhidas pelo profissional (ROSA, 2000), com o intuito de intervir no sentido de intermediar as primeiras relações, tendo em vista possibilitar o encontro e a aproximação mãe-bebê (AGOSTINHO, 2002; GOMES, 2001). Desse modo, Szejer (1999) e Gomes (2001) afirmam que, diante do parto pré-termo, deve-se realizar um trabalho denominado de “prevenção sistemática”, que visa estimular a

aproximação mãe-bebê, de modo a favorecer que a figura materna possa exercer a preocupação materna primária. Para isso é preciso que essa mãe também seja amparada nas suas angústias, criando-se condições favoráveis à expressão de seus sentimentos profundos, suas emoções e fantasias (CARON, 2000).

c) Intervenção em casos de internação logo após o nascimento: embora possa ser aplicada na condição de nascimento prematuro, aqui se considera a condição de internação na qual o bebê a termo é acometido de um problema grave de saúde, muitas vezes com a possibilidade de morte da criança. Essa condição exige uma intervenção que propicie o surgimento de uma fala que implique os pais com o bebê para que, desse modo, ele possa ter alguma significação simbólica, resgatando a inscrição do recém-nascido no discurso dos pais (JERUSALINSKY, 2000; MAGGI; PEREIRA; PANIZ, 2002; MARTINI, 2000; PEREIRA, 2002; WIRTH, 2000).

d) A utilização da Observação da Relação Mãe-Bebê no ambulatório e no hospital: segundo Alves, (2000), Martini (2000), Mélega e Palmigiani, (s. d.) e Wirth (2000), a aplicação do método de observação criado por Esther Bick no contexto do ambulatório e do hospital visa criar um espaço para que as angústias da mãe, decorrentes da hospitalização do filho, sejam vivenciadas, a partir da presença sistemática e respeitosa do observador, isenta de críticas, não intrusiva, continente e empática. Ainda de acordo com os autores, auxilia a desenvolver na equipe que cuida diretamente da criança a que se identifique com ela, suporte a angústia e aceite ser colocada no lugar de sádica, a não aumentar a culpa dos pais, a ser receptáculo sem ser passiva, a apoiar sem invadir, a avaliar sem críticas, a aceitar as dúvidas, as angústias e também os elogios. Nessa modalidade, o observador tem como tarefa fortalecer os vínculos, o que é diferente de tratamento, ensino ou aconselhamento (MARTINI, 2000), e oferece alguns benefícios sem entrar em dinamismos inconscientes (SILVA, 1988).

e) A utilização da Observação da Relação Mãe-Bebê no centro de educação infantil: a observação segundo o modelo criado por Esther Bick, aplicado nesse contexto, consiste na presença de um observador que possa olhar a dor e a culpa dos pais, tentando ajuda-los a partir de sua postura, da sua atitude receptiva e reflexiva, acolhendo sem atuar; servindo como modelo de identificação para os atendentes, o que promove um reajuste na equipe que passa a perceber e intervir como facilitadora do desenvolvimento da criança, particularmente dos bebês (CHAHON; SILVA; ARAÚJO, 2002; LEJDERMAN; KOMPINSKY, 2000; SANTOS; MOURA, 2002).

3.2 Categorização do Material Selecionado

Tendo por base o material selecionado no período de 1987 a 2002, a seguir são apresentados os resultados alcançados, iniciando com a Tabela 1, onde consta a categorização quanto aos diferentes tipos de produção escrita.

Tabela 1

| Tipo de Produção Psicanalítica Escrita Sobre Intervenção com Bebês | | |
|---|-------------------|----------|
| <i>Delineamento</i> | <i>Freqüência</i> | <i>%</i> |
| Artigo de periódico | 33 | 67,4 |
| Capítulo de livro | 08 | 16,3 |
| Resumo publicado em Anais | 08 | 16,3 |
| Total | 49 | 100 |

É possível observar que os periódicos científicos são o principal meio para a divulgação de materiais acerca do tema proposto, visto que corresponde a 67,4% do material selecionado. Contudo, embora com menor freqüência, considera-se que os outros meios citados também são de fundamental importância. Destaque-se que outros tipos de materiais escritos, tais como resenhas, monografias, dissertações e teses, não foram encontrados pelo

levantamento realizados nas bases *on-line*; o que não quer dizer que não existissem, mas, talvez, não estivessem disponíveis aos meios usados para a identificação do material.

Na Tabela 2 são apresentadas as classificações do material selecionado quanto ao tipo de delineamento, conforme definido anteriormente, a partir de suas características próprias.

Tabela 2

| Classificação Quanto ao Tipo de Delineamento da Produção Psicanalítica Escrita Brasileira | | |
|--|-------------------|----------|
| <i>Delineamento</i> | <i>Freqüência</i> | <i>%</i> |
| Teórico-prático | 20 | 40,8 |
| Comunicação da prática | 16 | 32,7 |
| Teórico | 11 | 22,4 |
| Correlacional | 02 | 4,1 |
| Total | 49 | 100 |

Destacam-se os trabalhos com delineamento do tipo teórico-prático, seguidos em ordem decrescente pelos tipos comunicação da prática e teórico, sendo que os de tipo correlacional apresentam freqüência quase inexpressiva. Tais resultados indicam que a maioria das publicações sobre o assunto nessa área está mais voltada para questões técnicas e práticas, com predominância de características descritivas. Provavelmente essas constatações se devem às características e especificidades da teoria e do método psicanalíticos, bem como ao fato de se referirem a práticas profissionais ainda muito novas em nosso meio, particularmente se considerarmos o período de abrangência do material selecionado.

Tabela 3

AUTORES E OBRAS MAIS INDICADAS NAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO MATERIAL SELECIONADO

| AUTOR(ES) | OBRA | FREQÜÊNCIA |
|------------------|--|-------------------|
| BICK, E. | Notes on infant observation in psychoanalytic training. <i>International Journal of Psychoanalysis</i> , v.45, n.4 p.558-566, 1964. [ou] In. HARRYS, M. e BICK, E. – <i>Collect Papers</i> | 15 |

| | | |
|---|--|----|
| | <i>of Martha Harrys and Esther Bick. Scotland Clinic Press, p. 240-256.</i> | |
| BION, W.R. | <i>Experiences in groups, and other papers. Tavistock and New York: Basic. (1961)</i> | 04 |
| BION, W.R. | <i>Atenção e Interpretação. Rio de Janeiro: Imago, 1973.</i> | 04 |
| BION, W.R. | <i>Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts). Rio de Janeiro: Imago, 1988.</i> | 05 |
| BOWLBY, J. | <i>Apego e perda: apego. São Paulo: Martins Fontes, 1984a. v.1.</i> | 12 |
| BOWLBY, J. | <i>Apego e perda: separação. São Paulo: Martins Fontes, 1984b. v. 2.</i> | 05 |
| BOWLBY, J. | <i>Uma base segura: implicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.</i> | 04 |
| BRAZELTON, T. B.; KOSLOWSKI, B.; MAIN, M. | <i>The origins of reciprocity: The early mother-infant interaction, In: LEWIS, M.; ROSENBLUM, L. (ed.) The effect of the infant on its caregiver. New York, John Wiley e Sons, 1974.</i> | 04 |
| BRAZELTON, T.B. et al. | <i>A dinâmica do bebê. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.</i> | 05 |
| CRAMER, B. e PALACIO-ESPASA, F. | <i>Técnicas psicoterápicas mãe/bebê. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.</i> | 06 |
| KLEIN, M. | <i>Notes on some schizoid mechanisms. London, Hogarth Press, 1946.</i> | 04 |
| LEBOVICI, S. | <i>O bebê, a mãe e o psicanalista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.</i> | 04 |
| MAHLER, M. | <i>O nascimento psicológico da criança. Rio de Janeiro: Psyche, Zahar Editor, 1977.</i> | 04 |
| MAHLER, M. | <i>O processo de separação individualização. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.</i> | 05 |
| MÉLEGA, M.P. | <i>Observação da relação mãe-bebê: instrumento de ensino em psicanálise. Revista Brasileira de Psicanálise, vol. 21, n. 4, 1987.</i> | 05 |
| SPITZ, R.A. | <i>O primeiro ano de vida. São Paulo: Martins Fontes, 1979.</i> | 06 |
| VITÓRIA, T., ROSSETTI-FERREIRA, M.C. | <i>Processos de adaptação na creche. Cadernos de Pesquisa, 86, 55-64, 1993.</i> | 04 |
| WINNICOTT, D.W. | <i>O ambiente e os processos de maturação. 3ª ed Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.</i> | 04 |
| WINNICOTT, D.W. | <i>Da pediatria à psicanálise: textos selecionados. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.</i> | 04 |
| WINNICOTT, D. W. | <i>Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 1988.</i> | 06 |

De todas as obras citadas e constantes nas referências bibliográficas do material selecionado, foram considerados para análise apenas aqueles que apresentaram frequência igual ou acima de quatro vezes. As demais foram descartadas em função da baixa frequência e por tornar a lista excessivamente longa, apresentando uma dispersão muito grande que, a nosso ver, não faria sentido apresentá-las todas aqui. Contudo, esses dados descartados serão ponderados posteriormente.

A obra mais indicada é a de Esther Bick, “Notes on infant observation in psychoanalytic training”, de 1964, com n=15, provavelmente em função de que o método de observação da relação mãe-bebê criado pela autora tenha extrapolado seu objetivo inicial de contribuir para a formação psicanalítica, passando a ser também utilizado como um método que permite construir conhecimento e propiciar as bases necessárias para posterior intervenção em determinados contextos e situações. Isto se evidencia nos trabalhos de Alves (2000), Mélega (1990), Lejderman e Kompinsky (2000), Martini (2000) e Wirth (2000).

A segunda obra mais referenciada, com n=12, foi “Apego e perda: apego”, de Bowlby. Provavelmente esse dado se relacione com o fato de que a teoria do apego, proposta pelo autor acima indicado, refira-se a um vínculo afetivo primário do bebê com a mãe, propondo um modelo explicativo para como se processa tal vínculo. Chama a atenção o fato dessa obra se destacar como uma das mais indicadas nas referências do material selecionado, porque há controvérsias quanto à teoria do apego no campo psicanalítico. Mas os autores que o referenciam parecem se utilizar dela como suporte teórico para suas discussões e não como detratores. Talvez tais autores compartilhem de algum modo com a posição de Golse (2004, p. 33), que afirma:

Pessoalmente, eu me esforço desde alguns anos para tentar mostrar que a teoria psicanalítica e a teoria do apego são de fato muito mais complementares do que pensamos ou do que dizemos, e já é tempo

que os psicanalistas suspendam o anátema que lançaram sobre o conceito de apego.

Em terceiro lugar aparecem três trabalhos, cada um com $n=6$, sendo que apenas o de Cramer e Palacio-Espasa se refere propriamente à intervenção com bebês; os demais, de Spitz e de Winnicott se constituem em trabalhos de grande repercussão teórica acerca dos processos iniciais do desenvolvimento emocional.

Mudando da perspectiva das obras mais indicadas para a dos autores mais referenciados, tendo por base a presente tabela, destaca-se Bowlby com a maior frequência ($n=21$), embora esse valor se divida em três obras distintas, o que, de qualquer modo, parece evidenciar a importância do autor nessa área de estudo. Não obstante, é interessante observar que em segundo lugar encontra-se Bick, com 15 indicações nas referências do material selecionado e todas elas se referindo a um único trabalho.

Na sequência encontra-se Winnicott, com $n=14$, e Bion, com $n=13$, sendo tal resultado a somatória da indicação de três obras de cada autor. E com duas obras referenciadas cada um, em quinto lugar aparecem Brazelton et al. ($n=9$) e Mahler, também com $n=9$.

Ainda com o propósito de determinar as influências teóricas predominantes nos trabalhos de autores brasileiros, na Tabela 4 serão apresentados alguns dados que também foram coletados a partir do levantamento das referências bibliográficas contidas no material selecionado.

Enquanto que na tabela anterior se privilegiou as obras e autores mais indicados a partir de um critério de corte previamente estabelecido, conforme já indicado anteriormente, na Tabela 4 os dados aparecem na sua totalidade, pois nenhum foi descartado. Desse modo, foram cruzados os autores, a quantidade de suas obras que foram referenciadas e o número de ocorrências. Entende-se por ocorrência a quantidade de vezes em que o nome de um determinado autor foi indicado nas referências bibliográficas do material selecionado

analisado, sem levar em consideração a qual obra se referia. Por outro lado, tentando-se ponderar mais detidamente sobre a relação entre a quantidade de obras citadas e o número de ocorrências, procurou-se estabelecer um índice médio entre essas duas categorias, buscando mais um parâmetro que contribuísse com a análise. Para tanto, dividiu-se o número de ocorrências pela quantidade de obras citadas de cada autor, sendo que o resultado constituir-se-ia no índice médio.

Tabela 4

| AUTORES, Nº DE OBRAS INDICADAS E Nº DE OCORRÊNCIAS NAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO MATERIAL SELECIONADO | | | |
|--|------------------------------------|--------------------|---------------------|
| AUTOR | QUANTIDADE DE OBRAS CITADAS | OCORRÊNCIAS | ÍNDICE MÉDIO |
| BALABAN, N. | 02 | 04 | 2 |
| BELSKY, J. ⁽¹⁾ | 10 | 10 | 1,0 |
| BICK, E. | 02 | 18 | 9,0 |
| BION, W. R. | 08 | 24 | 3,0 |
| BOWLBY, J. | 06 | 27 | 4,5 |
| BRAZELTON, T. B. ⁽¹⁾ | 12 | 23 | 1,9 |
| BRÊTAS, J. R. S. ⁽¹⁾ | 04 | 05 | 1,3 |
| CARON, N. A. ⁽¹⁾ | 05 | 05 | 1,0 |
| CRAMER, B. ⁽¹⁾ | 03 | 10 | 3,3 |
| CROCKENBERG, S. ⁽¹⁾ | 04 | 04 | 1,0 |
| EGELAND, B. ⁽¹⁾ | 04 | 04 | 1,0 |
| FEIN, G.G. ⁽¹⁾ | 02 | 04 | 2,0 |
| FIELD, T. M. ⁽²⁾ | 05 | 05 | 1,0 |
| FREUD, S. | 21 | 23 | 1,1 |
| KARRAKER, K. H. ⁽²⁾ | 03 | 04 | 1,3 |
| KLAUS, M. H. ⁽¹⁾ | 06 | 09 | 1,5 |
| KLEIN, H. A. ⁽¹⁾ | 02 | 05 | 2,5 |
| KLEIN, M. | 06 | 11 | 1,8 |
| LEBOVICI, S. ⁽¹⁾ | 07 | 10 | 1,4 |

| | | | |
|--------------|----|----|-----|
| MAHLER, M. | 03 | 10 | 3,3 |
| MATHELIN, C. | 02 | 04 | 2,0 |

(1) estão incluídas tanto as obras de autoria individual do autor, quanto àquelas em que ele consta como autor principal junto com colaboradores.

(2) o autor consta como principal, sendo todas as obras de autoria múltipla.

Considerando-se a quantidade de obras indicadas nas referências bibliográficas do material selecionado, entre os autores mais referenciados destacam-se Freud (n=21), Brazelton (n=12), Belsky (n=10), Bion (n=08), Lebovici (n=07). Aparecem ainda Bowlby, Klaus e M. Klein, todos com n=06, respectivamente. Com n=05 cada um, temos Caron e Field. As demais indicações com frequências menores serão deixadas de lado, por enquanto. Tomando-se os dados pelo número de ocorrências, entre os autores mais citados encontram-se Bowlby (n=27), Bion (n=24), Brazelton e Freud (ambos com n=23 cada um), Bick (n=18), M. Klein (n=11). Em sexto lugar, com n=10, respectivamente, tem-se Belsky, Cramer, Lebovici e Mahler. Na sequência encontram-se Klaus (n=09), Brêtas, Caron, Field e H. A. Klein, com n=05 cada um. Deixa-se de lado, provisoriamente, as outras ocorrências com frequências menores. O que ressalta desses dados é que predominam autores estrangeiros, em sua maioria, europeus, destacando-se apenas uma autora brasileira, N. A. Caron, e evidencia-se uma alta incidência de obras e ocorrências de autores que não desenvolveram estudos especificamente dentro da temática de intervenção com bebês, como Freud, Bion, Klein e Mahler. Essa última situação parece sugerir que os autores brasileiros buscam nos autores clássicos subsídios conceituais que fundamentem suas discussões e suas práticas.

Quanto ao índice médio de ocorrências por obra referenciada, observa-se que o mais alto é de Bick (9,0), seguida de Bowlby (4,5), Cramer e Mahler com 3,3 cada um, Bion (3,0), H. A. Klein (2,5), dentre outros com índice médio igual ou menor que 2,0. Estes dados parecem confirmar os anteriores, ressaltando a importância de autores estrangeiros,

principalmente europeus (e aqui se acrescenta, britânicos), dentro do contexto da produção psicanalítica brasileira sobre intervenção com bebês. Destaca-se também a importância de Esther Bick e seu método de observação da relação mãe-bebê (APPIO; MATTE, 1999; BENELLI; SAGAWA, 2000; CARON, 1995; CARON et al., 1999; MÉLEGA, 1995; ROSA, 1995), tanto que com apenas duas obras citadas a autora apresentou o maior índice médio.

A partir dos textos que compuseram o material selecionado, foi possível identificar várias possibilidades de intervenção precoce com bebês, realizadas em contextos clínicos e não-clínicos, sendo que todas elas possuem um ponto em comum, pois ressaltam a importância das primeiras relações e também privilegiam a necessidade de existir um olhar diferenciado para o bebê. Olhar este capaz de percebê-lo enquanto um ser dependente, embora com muitas potencialidades. Dependente por necessitar ser atendido tanto em suas necessidades biológicas, quanto psíquicas, com potencialidades por não ser passivo na relação que estabelece com o adulto responsável por seus cuidados (COELHO FILHO; POSSA, 2002; CORRÊA, 1998; MALDONADO, 2002; RODRIGUES, 1997; RODRIGUES et al., 1993).

Os autores que ressaltaram a importância desse olhar do adulto que permite acolher as angústias do bebê e atender as suas necessidades fundamentaram-se principalmente no trabalho de Esther Bick, particularmente atentando ao seu texto *Notes on infant observation in psychoanalytic training*, de 1964, justifica a sua alta frequência de indicações e o maior índice médio, conforme as Tabelas 3 e 4.

Outro aspecto em comum nas intervenções é a ênfase na promoção e manutenção do vínculo entre a díade (AGOSTINHO, 2002; CACILHAS, 1993), a qual é tomada em seu sentido mais amplo, conforme aponta Resende e Araújo (1999), de modo que todas as relações da criança com o cuidador são consideradas como sendo uma díade, priorizando o

estabelecimento desse vínculo. Como um modo facilitador desse processo, Mélega (s. d.[a]; s. d.[b]; 2001), Pernambuco e Palmigiani, (s. d.) destacam o papel do observador psicanalítico por se apresentar como um continente materno e se constituindo como uma nova identidade profissional que possibilita diferentes tipos de intervenção baseados na cuidadosa observação.

Diante disso, podemos destacar que as intervenções que utilizam como suporte a observação da relação mãe-bebê, tanto em contextos clínicos como não-clínicos, visam propiciar condições para que o bebê possa dispor de um ambiente acolhedor. Tal ênfase na importância do bebê vincular-se, verificada em todas as intervenções propostas, pode ser relacionada, além das diversas teorias psicanalíticas, com o fato da obra de Bowlby ter apresentado o maior número de ocorrência, ou seja, igual à 27, conforme demonstra a tabela 4 ser o mais citado nas referências bibliográficas do material selecionado, por entender o apego como uma necessidade básica da criança.

Em todos os textos referentes ao material selecionado é possível identificar a ênfase por parte dos autores de que o bebê seja considerado um ser biopsicossocial, não se perdendo de vista os inúmeros fatores que podem interferir para o desenvolvimento do bebê, bem como para o estabelecimento de um vínculo que lhe possibilite um lugar no desejo daqueles que por ele são responsáveis (TEPERMAN, 1999; 2000).

Martini (2000) reconhece que a natureza do vínculo é determinada pelo estado materno somado ao ambiente e ao potencial inato do bebê. Zavaschi et al. (1997) e Wendland-Carro e Piccinini (1995) apontam outros aspectos influenciadores no desenvolvimento da relação a ser estabelecida entre mãe e filho, tais como: características genéticas, valores culturais, situação sócio-econômica, saúde física e mental da mãe, história prévia da mãe, desejo de um ou outro sexo para o bebê e a participação do companheiro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do material selecionado foi possível identificar diversas possibilidades de intervenção com bebês, a partir do referencial psicanalítico, em contextos clínicos e não-clínicos, bem como categorizá-lo, destacando-se o artigo de periódico como o principal tipo de produção utilizado para a divulgação dos trabalhos, sobressaindo-se aqueles de delineamento teórico-prático e comunicação da prática, bem como evidenciam as influências predominantes de autores estrangeiros na produção escrita dos autores brasileiros. Quanto a esse último aspecto, a tônica recai particularmente sobre autores europeus e suas obras, sobretudo britânicos, sendo os mais indicados E. Bick e J. Bowlby.

Embora inúmeros outros autores sejam indicados e suas influências sejam perceptíveis no trabalho dos brasileiros, o destaque encontrado em torno de Bick, que criou um método de observação da relação mãe-bebê, e Bowlby, com sua teoria do apego, aponta para duas questões. Uma delas diz respeito a que a maioria das modalidades de intervenções com bebês, como constam no material selecionado, tem como suporte o método de Bick e, embora sejam de suma importância, é preciso considerar que, não obstante pouco citadas, existem outras formas de intervenção, as quais mereceriam uma investigação mais aprofundada no contexto da realidade brasileira, o que pode contribuir para a ampliação das possibilidades disponíveis à população em geral.

A outra questão remete diretamente à controvérsia quanto à teoria do apego, de Bowlby, no campo psicanalítico, que, por sua vez, também sugere a necessidade de maiores estudos quanto a sua complementariedade ou não com a teoria psicanalítica.

Além das duas questões acima levantadas, tendo em vista que o período de abrangência do material selecionado restringiu-se ao período de 1987–2002, conforme

justificado no item 2.1, vemos como necessária a continuidade da investigação do presente tema abrangendo o período posterior ao abordado nesse estudo.

5. REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, D. R. A importância da intervenção precoce em UTI neonatal para o restabelecimento do vínculo mãe-bebê. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- ALVES, M. M. O. Contribuições da observação mãe-bebê para a prática pediátrica. In: CARON, N. A. (org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 348-357.
- APPIO, D.; MATTE, L. D. S. Método Esther Bick: um caminho para a pesquisa qualitativa. *Aletheia*, v. 10, p.51-58, 1999.
- BENELLI, S. J.; SAGAWA, R. Y. Observação da relação mãe-bebê pertencentes à classe trabalhadora durante o primeiro ano de vida. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 17, n. 3, p. 22-32, 2000.
- CACILHAS, A. A. Considerações sobre a comunicação e o vínculo mãe-bebê e correlações com o trabalho psicoterápico. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 15, n. 3, p. 227-233, 1993.
- CARON, N. A. Fundamentos teóricos para aplicação do método de E. Bick. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo; v. 29, n. 2, p. 283-291, 1995.
- CARON, N. A. Intervenções psicoterápicas nas relações primitivas pais-bebê. In: MÉLEGA, M. P. (coord.). *Observação da relação mãe-bebê: método Esther Bick: tendências*. São Paulo: Unimarco, 1997. p.149-160.
- CARON, N. A. Terapias breves das relações pais-bebês. In: CARON, N. A. (org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 310-328.
- CARON, N. A. et al. O perigo mora em casa: a violência na vida cotidiana e suas vicissitudes na relação mãe-bebê-observador. *Revista de Psicanálise*, Porto Alegre v. 6, n. 1, p. 93-105, 1999.
- CHAHON, V. L.; SILVA, A. P. ARAÚJO, F. R. Observando bebês na creche: uma adaptação do método psicanalítico. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E

- PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- COELHO FILHO, J. G.; POSSA, A. C. Teoria winnicottiana do amadurecimento e paciente regredido. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- CORRÊA, C. A. A. Q. Clareando... a história de um desmame precoce ou de um parto tardio. *Revista de Psicanálise*, Porto Alegre; v. 5, n. 3, p. 405-414, 1998.
- CRAMER, B. *Profissão bebê*. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- EDELSTEIN, T. M. A interação mãe-bebê: os sintomas psicossomáticos e o pediatra. *Pediatria Moderna*. São Paulo, v. 36, n. 12, p. 70-74, 2000.
- GOLSE, B. O bebê, seu corpo e sua psique: explorações e promessas de um novo mundo (apego, psicanálise e psiquiatria perinatal). In: ARAGÃO, R. O. (org.). *O bebê, o corpo e a linguagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.15-40.
- GOMES, A. L. H., Vínculo mãe-bebê pré-termo: as possibilidades de interlocução na situação de internação do bebê. *Estilos da Clínica*, v. 6, n. 10, p. 89-100, 2001.
- HOEFEL, B. O que a clínica com bebês tem nos ensinado? *Revista da Associação Psicanalítica*. Curitiba, v. 5, n. 5, p. 133-136, 2001.
- JERUSALINSKY, J. Do neonato ao bebê: a estimulação precoce vai a UTI neonatal. *Estilos da Clínica*. São Paulo; v. 5, n. 8, p. 49-63, 2000.
- LEJDERMAN, A. T.; KOMPINSKY, E. Caráter preventivo da aplicação da observação da relação mãe-bebê em uma creche In: CARON, N. A. (org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 268-290.
- MAGGI, A.; PEREIRA, S.; PANIZ, S. Acompanhamento psicológico a mães e bebês de risco no Hospital Geral de Caxias do Sul – Aproximação entre pesquisa e assistência. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- MALDONADO, S. D. Algumas considerações sobre o trabalho do psicólogo com bebês. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- MALTZ, R. S. Terapia do vínculo pais-bebê. In: MÉLEGA, M. P. (coord.). *Observação da relação mãe-bebê: método Esther Bick: tendências*. São Paulo: Unimarco, 1997. p.181-187.
- MARRECO, D. F. et.al. Vicissitudes na hospitalização de crianças. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 7, n. 1, p. 30-33, 1987.

MARTINI, I. I. Em uma enfermaria de cardiologia pediátrica: uma aplicação do método de ORMB. In: CARON, N. A. (org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 232-248.

MÉLEGA, M. P. Aplicações dos conceitos psicanalíticos ao trabalho em contextos não-clínicos. Uma nova entidade profissional? In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Aplicações dos conceitos psicanalíticos ao trabalho em contextos não-clínicos*. São Paulo: M. P. Mélega, s. d.(a), p. 19-22.

MÉLEGA, M. P. A prática da observação da relação mãe-bebê e sua contribuição à formação analítica. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Conduta humana: estudo e investigação - observação psicanalítica e outros métodos*. São Paulo: M. P. Mélega, s.d.(b), p. 7-16. (Publicações Científicas, 4).

MÉLEGA, M. P. Observação da relação mãe-bebê-família: uma metodologia para ensino pesquisa e psicoprofilaxia. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Observação mãe-bebê*. São Paulo: M. P. Mélega, 1990. p.17-22. (Publicações Científicas, 2.).

MÉLEGA, M. P. A supervisão da observação da relação mãe-bebê: ensino e investigação, *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo; v. 29, n. 02, p. 263-280, 1995.

MÉLEGA, M. P. A contribuição de Esther Bick à clínica psicanalítica. *Psyché*. São Paulo, v. 7, n. 5, p. 69-83, 2001.

MÉLEGA, M. P. Gerando significados no trabalho com pais-crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.36, n.3, p. 531-540, 2002.

MÉLEGA, M. P.; PALMIGIANI, M. G. O observador psicanalítico no atendimento pediátrico. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Aplicações dos conceitos psicanalíticos ao trabalho em contextos não-clínicos*. São Paulo: M. P. Mélega, s. d., p. 37-49.

NALDONY, M. W. O observador psicanalítico na pré-escola. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Aplicações dos conceitos psicanalíticos ao trabalho em contextos não-clínicos*. São Paulo: M. P. Mélega, s. d., p. 51-63.

PERNAMBUCO, A. R. C. A; PALMIGIANI, M. G. O observador psicanalítico vai à instituição: uma experiência. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Observação mãe-bebê*. 2. ed., São Paulo: M. P. Mélega, s.d., p. 89-103.

PEREIRA, A. B. Bebês prematuros em uma UTI neonatal: a escuta de um apelo. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.

RESENDE, T. I. M.; ARAÚJO, T. C. C. F. Relacionamento mãe-criança com câncer: a importância da díade afetiva. *Psico*. Porto Alegre, v. 30, n 1. p. 51-65, 1999.

- RODRIGUES, A. M. P. A ambivalência em dar o colo - vinhetas clínicas de uma observação da relação mãe-bebê. *Revista Psiquiátrica do Rio Grande do Sul*. v. 19, n. 3, p. 194-201, 1997.
- RODRIGUES, A. M. P. et al. O desenvolvimento emocional do bebê - novas perspectivas e repercussões na prática da psiquiatria. *Revista Psiquiátrica do Rio Grande do Sul*. v. 15, n. 2, p. 123-132, 1993.
- ROSA, J. A. A. C. Reflexões sobre o ambiente facilitador no desenvolvimento psíquico do recém-nascido In: CARON, N. A. (org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p.61-96.
- ROSA, J. C. Reflexões sobre o método da observação da relação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo; v. 29, n. 2, p. 299-305, 1995.
- SANTOS, F. M. S.; MOURA, M. L. S. A creche como contexto de desenvolvimento: representações e interações durante o período de inserção de mães e bebês na instituição. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- SIGAL, A. M. Transformações na clínica psicanalítica: uma nova forma de abordar o trabalho com os pais. *Psyche*, v. 5, n. 8, p. 151-169, 2001.
- SILVA, M. C. P. Um self sem berço. Relato de uma intervenção precoce na relação pais-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 541-565, 2002.
- SILVA, M. S. Atendimento psicológico ambulatorial para crianças de baixa renda. *Psico*, v.16, n.2, p. 208-215, 1988.
- SZEJER, M. A escuta psicanalítica dos bebês desde o nascimento. In: SZEJER, M. *A escuta psicanalítica de bebês em maternidade*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 13-29.
- SZEJER, M. *Palavras para nascer: a escuta psicanalítica na maternidade*. Trad. Claudia Berliner. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- TEPERMAN, D. W. Do desejo dos pais ao sujeito do desejo. *Estilos da Clínica*. São Paulo; v. 7, n. 4, p. 151-158, 1999.
- TEPERMAN, D. W. Um bebe amorfo no colo de sua mãe. *Estilos da Clínica*. São Paulo; v. 8, n. 5, p. 24-37, 2000.
- TRAD, P. V. *Psicoterapia breve pais/bebê*. Trad. Maria Cristina Muller e Maria Elisa Schestatsky. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VALANSI, L.; MORSCH, D. O psicólogo como facilitador do desenvolvimento do apego em UTI neonatal. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.

WENDLAND-CARRO, J.; PICCININI, C. A., Intervenção precoce mãe-bebê: perspectivas de intervenção para a promoção do desenvolvimento infantil, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 8 n. 1, p. 111-144, 1995.

WIRTH, A. F. Aplicação do método de observação de bebês em uma UTI neonatal In: CARON, N. A.(org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p.207-231.

WITTER, G. P. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 7, n. 1, p. 5-30, 1990.

ZAVASCHI, M. L. S. et.al. Influência da separação precoce na interação mãe-bebê. *Revista ABP-APAL*, v. 19, n.1, p. 18-24, 1997.